



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

URBANIZAÇÃO, SEXO E SOLIDÃO

ÂNGELA DE ALENCAR ARARIPE PINHEIRO

BRASÍLIA — 1983

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

URBANIZAÇÃO, SEXO E SOLIDÃO

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciências (Psicologia).

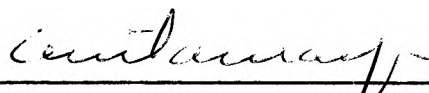
ÂNGELA DE ALENCAR ARARIPE PINHEIRO

Prof. Orientador: Álvaro Tamayo Lombana, PhD.

Brasília — 1983

Trabalho realizado junto ao Departamento de Psicologia do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de Brasília, sob a orientação do Professor Álvaro Tamayo Lombana.

Aprovada por:



ÁLVARO TAMAYO LOMBANA, PhD



LUIZ PASQUALI, PhD



MARIA ALICE MAGALHÃES D'AMORIM, PhD

"A maior solidão é a do homem encerrado em si mesmo, no absoluto de si mesmo, e que não dá a quem pede o que ele pode dar de amor, de amizade, de socorro. O maior solitário é o que tem medo de amar, o que tem medo de ferir e de ferir-se, o ser casto da mulher, do amigo, do povo, do mundo."

Vinicius de Moraes

Dedicat6ria

Ao meu pai e  minha mãe,

*incentivadores de toda hora, cola-
boradores incansáveis, amigos aci-
ma de tudo.*

Aos tios Ossian e Ceuzinha,

*a alegria de ter convivido com vo-
ces, minha querida família de Bra-
silia.*

AGRADECIMENTOS

Digo sempre, com uma satisfação muito grande, que esta dissertação versa sobre solidão, mas sua elaboração não foi, de modo algum, um trabalho "solitário". Ao contrário, cada momento foi compartilhado, e muito há para agradecer. E o faço com aquela alegria que caminha junto à gratidão.

Tamayo, amigo orientador, um agradecimento muito especial, pelo estímulo tão espontâneo e a orientação segura e disponível.

Pasquali e Maria Alice, pela orientação firme e indispensável, sempre aliada à compreensão própria da amizade.

Ana, Augusto, Ítalo, Lana, Lãa, Sandra e Zê Rui, irmãos brasileiros, sempre disponíveis para colaborar em tudo o que lhes é possível.

Enila, Ignez, Marcus Vinicius, Marillac e Mônica, amigos do coração, vocês bem sabem como estão presentes neste trabalho, com incentivo, carinho e compreensão.

Toca, Valéria, Maura, Valéria Oliveira, Saskia, Vânia, Valéria Ribeiro, Marta, Cecília, Ruth e Júnior, tive a satisfação de conviver com vocês, de receber a ajuda em momentos os mais diversos da elaboração deste trabalho. Vocês foram todos maravilhosos.

Ana Maria, Franciãria, Heloisa, Iracema, Lia, Niedja e Renato, que comigo colaboraram espontaneamente, quando da aplicação do instrumento de medida, nas diversas cidades.

Ângela, Janine, Jussara, Rita Laura e Socorro, a colaboração indispensável na hora do aperto final.

Universidade Federal do Ceará e Governo do Estado do Ceará, que, ao permitirem meu afastamento, contribuíram sobremaneira para que eu pudesse fazer o Mestrado.

Enfim, o meu agradecimento a todos que comigo colaboraram na elaboração deste trabalho compartilhado sobre a solidão.

SUMÁRIO

Esta dissertação constitui-se no primeiro trabalho empírico a explorar o fenômeno da solidão no Brasil.

Seu principal objetivo foi investigar a relação entre sexo e urbanização e solidão.

A inexistência de instrumento de medida de solidão, no Brasil, exigiu a adaptação e validação da "Revised UCLA Loneliness Scale" para uma população brasileira — estudantes universitários, que foi, então, denominada Escala UCLA de Solidão.

Conceituação e definição de Solidão foram exploradas, bem como as de urbanização. As relações entre sexo e solidão e entre urbanização e solidão foram igualmente exploradas, nos planos racional e empírico.

A amostra da pesquisa foi composta de 400 estudantes universitários de ambos os sexos, residentes em quatro cidades da Região Nordeste Ocidental — São Luís, Crato, Teresina e Fortaleza, posteriormente comparada com amostras de mesmas características, provenientes das cidades de São Paulo (N= 68) e Brasília (N= 100).

Os resultados não apontaram efeito principal a nível de qualquer das duas variáveis independentes, nem de interação sexo x urbanização. Hipóteses explicativas foram formuladas, a fim de esclarecer os resultados obtidos.

Sugestões são apresentadas para futuras pesquisas na área de investigação sobre solidão no Brasil.

ABSTRACT

This dissertation constitutes the first empirical work to explore the loneliness phenomenon in Brazil.

Its main goal was to investigate the relation between sex and urbanization and loneliness.

The inexistence of a loneliness measure device in Brazil made necessary the adaptation and validation of the "Revised UCLA Loneliness Scale" to a brazilian population - university students, then denominated Escala UCLA de Solidão.

The conceptualization and definition of loneliness was explored, as well as urbanization. The relation between sex and loneliness and between urbanization and loneliness were also explored at the rational and empirical levels.

The research sample consisted of 400 university students of both sex, living in 4 cities of the Western Northeast Region — São Luís, Crato, Teresina and Fortaleza — also compared to samples of São Paulo city (N=68) and Brasília (N=100), with the same characteristics of the research sample.

The results did not show expected effects either on any of the two independent variables or on the interaction sex x urbanization.

Explicatory hypotheses were formulated in order to clarify the results obtained.

Suggestions are presented for future researches on loneliness in Brazil.

ÍNDICE

DEDICATÓRIA	iv
AGRADECIMENTOS	v
SUMÁRIO	vii
ABSTRACT	viii
PREFÁCIO	1
<u>CAPÍTULO I - CONTEXTO TEÓRICO DO FENÔMENO DA SOLIDÃO</u> .	4
1. <u>A Extensão do Fenômeno da Solidão</u>	4
2. <u>Solidão como Fenômeno Social</u>	7
3. <u>Interesse e Dificuldades no Estudo da Solidão</u> .	8
4. <u>Conceituação e Definição de Solidão</u>	12
5. <u>Variáveis Associadas à Solidão</u>	21
5.1 - <u>Sexo e Solidão</u>	23
5.2 - <u>Urbanização e Solidão</u>	36
5.2.1 - <u>Considerações sobre Urbanização</u> .	36
5.2.2 - <u>Urbanização e Solidão</u>	42
<u>CAPÍTULO II - ADAPTAÇÃO E VALIDÃO DA "REVISED UCLA LONELINESS SCALE"</u>	58
1. <u>Apresentação da "Revised UCLA Loneliness Scale"</u>	58
2. <u>Adaptação e Validação do Instrumento</u>	61
2.1 - <u>Tradução</u>	61
2.2 - <u>Análise dos Itens</u>	62
2.3 - <u>Validação</u>	63
2.4 - <u>Precisão</u>	66
2.5 - <u>Conclusão</u>	66

<u>CAPÍTULO III - METODOLOGIA</u>	67
1. <u>Objetivos da Pesquisa</u>	67
2. <u>Hipóteses</u>	68
3. <u>Variáveis</u>	69
3.1 - <u>Definições Operacionais</u>	69
4. <u>Delineamento</u>	71
5. <u>A Amostra</u>	72
6. <u>Medidas e Procedimentos</u>	73
6.1 - <u>Instrumentos de Medida Utilizados</u>	73
6.2 - <u>Procedimentos</u>	73
7. <u>Tratamento Estatístico Previsto</u>	74
<u>CAPÍTULO IV - RESULTADOS E DISCUSSÃO</u>	75
<u>CONCLUSÕES</u>	82
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	86
<u>ANEXOS</u>	94

PREFÁCIO

Sobressai-se como de fundamental importância, dentro do âmbito da Psicologia, procurar desenvolver estudos e/ou pesquisas, que, diretamente relevantes para a sociedade contemporânea, possam vir a representar contribuição para a solução de problemas que afetam as pessoas humanas. São eles de incomensurável quantidade.

Parece, pois, imprescindível que os trabalhos em Psicologia detenham-se na busca de esclarecimentos e/ou soluções para problemas de relevância social.

E há que se reconhecer a variada gama de problemas que caracterizam a atualidade e que se refletem na vida das pessoas humanas. São dificuldades de relacionamento, problemas existenciais, integração máquina-ser humano, crescimento demográfico incontável, fome, pobreza, solidão, etc.

Negar sua existência seria ingênuo ou mesmo um ato de alienação. Bem mais oportuno é tentar estudá-los, de maneira a mais sistemática e real possível, em busca de medidas que venham, se não eliminá-los, pelo menos minimizá-los.

Uma análise rápida e inicialmente despreziosa desses incontáveis problemas atuais levou a autora a escolher, entre tantos, um que vem sendo alvo de suas preocupações pessoais e profissionais — a solidão. Eis, pois, o interesse central deste trabalho, interesse este despertado há algum tempo.

Por que o estudo da solidão? Como surgiu a preocupação com o tema? Que conseqüências práticas e válidas poderão surgir desta dissertação?

Um rápido relato do caminho percorrido para o amadurecimento e a escolha do assunto como tema desta dissertação parece oportuno, de vez que poderá esclarecer a dimensão da preocupação da autora pelo tema e a repercussão causada.

A idéia nasceu em decorrência da constatação através de observações, inicialmente assistemáticas e primárias, de como a solidão se faz presente para um grande número de pessoas. Além disso, expressões artísticas variadas — músicas, romances, literatura popular, novelas, filmes, artes plásticas — vêm abordando o tema com uma frequência tal que leva a supor sua existência na vida de um grande número de pessoas. Além disso, foi possível observar que, mesmo ao simples mencionar do tema solidão, invariavelmente algum tipo de reação era desencadeado junto às pessoas abordadas. Algumas relatavam suas próprias experiências de solidão, outras citavam pessoas a quem estão ligadas e que enfrentaram o "problema", afora as que também se ofereciam para dar seu testemunho e/ou formulavam indagações sobre o assunto. Fácil foi verificar o pouco esclarecimento existente sobre solidão, em termos de sua real significação, efeitos, tipos e outros aspectos ao tema relacionado. Além disso, todas essas evidências levaram a crer constituir-se a solidão problema de elevada relevância social.

Firmaram-se por todas as razões ora explicitadas o interesse e a decisão de tratar a solidão sob uma abordagem científica.

A etapa seguinte foi, então, decidida: executar rigoroso levantamento bibliográfico, a fim de conhecer e analisar as bases teóricas e práticas existentes sobre o assunto, para a elaboração da presente dissertação.

Tal levantamento evidenciou a inexistência de qualquer instrumento de medida de solidão, devidamente validado para alguma população brasileira, o que tornava impraticável a execução de pesquisa empírica neste País.

Assim, decidiu-se adaptar e validar, para uma população do Brasil, um instrumento de medida de solidão, no caso a "Revised UCLA Loneliness Scale" (Pinheiro & Tamayo, 1982), cujos detalhes do procedimento estão expostos em seção deste trabalho.

CAPÍTULO I — CONTEXTO TEÓRICO DO FENÔMENO DA SOLIDÃO

1. A Extensão do Fenômeno da Solidão

A solidão figura entre os fenômenos tidos como contemporâneos (May, 1978; Mijuskovic, 1977) e sua extensão vem sendo, desde há muito, amplamente salientada na literatura. Zilboorg (1938) já encarava a solidão como mais ou menos uma aflição universal. Para Burton (1961), Bradley (1970) e Ellison (1980), trata-se de um fenômeno humano universal, enquanto para D'Abov (1973) é quase universal. Loucks (1980) coloca a possibilidade de que solidão seja universalmente experienciada.

A solidão está enraizada na constituição e natureza do Homem e é, então, uma companhia universal de alguém, em algum tempo, de alguma forma (Becker, 1974).

Por outro lado, Sadler Jr. (1978) afirma que a solidão está se tornando um problema importante nas vidas de muitas pessoas. Enquanto isso, Hendrix (1972), Gerson e Perlman (1979) e Russell, Peplau e Cutrona (1980) colocam o problema como um fenômeno humano comum, de um modo geral. Russell, Peplau e Ferguson (1978) fazem colocação semelhante, apenas especificando-a em relação aos americanos. Solano (1980) e Solano, Batten e Parish (1982) ressaltam sua amplitude na América Moderna.

Embora a experiência de solidão não seja um fenômeno novo específico da sociedade americana, pode estar sendo incrementado (Moore, 1974).

Gordon (1976) afirma que a solidão, que era apenas um problema filosófico, falado mormente por poetas e profe-

tas, está se tornando agora uma condição quase permanente para milhões de americanos. Para a aludida autora, a solidão, desconhecendo limites de classe, raça ou idade, é atualmente uma nova tradição americana. Diz que a solidão aparece "... not only for the old or divorced but also for the men and women filling singles bars and encounter groups, the adolescents running away from home or refusing to go to school, the corporate transients who move every two or three years, and the people calling suicide and crisis hot-lines in search of someone to talk to." (p. 15-16).

A solidão é encarada por Bragg (1979) como um problema pessoal de 10% da população e ainda mais difundido na população estudantil universitária.

Weiss (1973) opina que a solidão é uma condição largamente distribuída e severamente angustiante, considerando-a como um problema comum nos EUA.

Para Lair (1977), a solidão pode ser o problema central da existência humana. Solidão como uma condição de vida humana, uma experiência do ser humano, é ressaltada por Moustakas (1961).

Uma análise sobre as opiniões apresentadas pelos estudiosos revela que há discordância entre eles, quanto à extensão do fenômeno da solidão.

Observa-se, inicialmente, que a solidão é considerada como um fenômeno contemporâneo (May, 1978; Mijuskovic, 1977), ao mesmo tempo em que Moore (1974) refere-se ao seu incremento na sociedade americana, embora não seja um fenômeno novo específico.

Quanto à sua universalidade, constata-se, também, discordância entre os autores, de vez que o fenômeno da solidão é encarado como universal (Burton, 1961; Bradley, 1970; Ellison, 1980); companhia universal (Becker, 1974); quase universal (D'Abov, 1973); mais ou menos uma aflição universal (Zilboorg, 1938); e, também, a possibilidade de que seja universal (Loucks, 1980). Enquanto isso, para

Bragg (1979) sua extensão é sobre apenas 10% da população, sendo ainda mais difundido na população estudantil universitária.

Tem-se, ainda, Lair (1977), que se refere à solidão como problema central da existência humana, afirmação da qual se pode inferir que Lair considera a solidão como fenômeno universal, assim como Moustakas (1961), que a ela se refere como uma condição de vida humana.

Pode-se observar, outrossim, afirmações menos especificadas sobre a extensão da prevalência da solidão, tais como a de Sadler Jr. (1978), quando a ela se refere como um problema muito importante na vida de muitas pessoas, além da consideração da solidão como fenômeno humano comum por Hendrix (1972); Gerson e Perlman (1979); Russell, Peplau e Cutrona (1980).

Finalmente, estudiosos emitem opinião sobre a difusão da solidão quanto à América, quando Russell, Peplau e Ferguson (1978) e Weiss (1973) consideram-na um fenômeno humano comum; Solano (1980) e Solano, Batten e Parish (1982) destacam sua amplitude na América Moderna; Gordon (1976) afirma que a solidão é uma condição permanente para milhões de americanos.

Sumarizando, as opiniões são discordantes e não possibilitam formular uma conclusão precisa sobre a extensão real do fenômeno da solidão.

2. Solidão como Fenômeno Social

A solidão tem sido apontada como um problema social dos mais usuais do mundo contemporâneo, dada a sua relação com a deficiência nas interações sociais (Gerson & Perlman, 1979; Horowitz & French, 1979; Solano, 1980).

Francis (1973) refere-se à solidão como um fenômeno social, de vez que está ligada à relação recíproca de pessoas em interação.

Por sua vez, Kubistant (1977) reconhece as influências sociais na solidão, tanto para suas condições como para sua resolução.

Partindo da afirmação de que relacionamentos sociais localizam-se no centro da vida humana, Russell, Peplau e Cutrona (1980) ressaltam que psicólogos têm empreendido cuidadosas análises sobre determinados fatores das relações sociais, enquanto negligenciam outros, tal como a solidão.

Oportuno se faz observar que a opinião dos autores, quanto a esse aspecto do fenômeno da solidão, é por vezes discordante, pois, enquanto a solidão é vista por Kubistant (1977) como uma variável conseqüente — no tocante às influências sociais, para Russell, Peplau e Cutrona (1980) é a solidão colocada como variável antecedente.

3. Interesse e Dificuldades no Estudo da Solidão

O interesse sobre a solidão, do ponto de vista científico, tem sido substancialmente incrementado, haja visto o crescente aumento verificado, principalmente nos últimos dez anos, no número de trabalhos realizados sobre o tema, de acordo com as publicações do "Psychological Abstracts".

Mesmo assim, elevado é o número de autores que ressaltam estarem a pesquisa e o estudo sobre solidão ainda em fase inicial, e, diante da escassez de pesquisas empíricas, muito ainda existindo para ser explorado (D'Abov, 1973; Bragg, 1979; Krebs, 1974; Kubistant, 1977; Loucks, 1980; Peplau, Russell & Heim, 1978).

Peplau, Russell e Heim (1978) apresentam extensa bibliografia sobre solidão, que inclui 204 referências, entre artigos, livros e teses de doutorado feitas em Psicologia, Sociologia e Ciências da Saúde, não contando os manuscritos não publicados e as comunicações apresentadas em convenções. Baseada em levantamento completo feito no "Psychological Abstracts", "Sociology Abstracts", "Social Science Citation Index", "Index Medicus" e "International Nursing Index", abrangendo os anos de 1932 a 1977, a referida bibliografia aponta que 56% das referências foram publicadas em 1970 ou após esse ano.

Razões e obstáculos para um maior incremento da abordagem da solidão são apontados por diversos autores. Fromm-Reichmann (1959) destaca três dificuldades básicas para o estudo da solidão: deficiência terminológica séria; resistência das pessoas em geral para admitir a sua solidão, por ela parecer uma experiência dolorosa e amedrontante; e, finalmente, uma relutância também por parte dos psiquiatras em procurar clarificação científica para o termo, que nem mesmo é mencionado na maioria dos textos psiquiátricos.

O sentimento de solidão não tem sido objeto de muita pesquisa sociológica, a despeito ou talvez por causa de generalizações filosóficas e psicológicas sobre alienação (Lopata, 1969).

Weiss (1973) aponta razões para os poucos estudos sobre solidão. Inicialmente, não há teoria com a qual começar a enfrentar suas manifestações (Leiderman, apud Weiss, 1973). Depois, comenta a afirmação, já anteriormente mencionada neste estudo, de Fromm-Reichmann, segundo a qual não há boa teoria porque há pouco estudo sobre solidão, porque ela se constitui ameaça ao bem estar das pessoas. Essa explicação é considerada insuficiente para Weiss, de vez que são estudados outros fenômenos mais apavorantes do que a solidão, como o luto e a morte, o que leva a supor que devem existir outras qualidades adicionais em solidão que provocam essa negligência. Assim, Weiss argumenta, finalmente, que as pessoas subestimam sua experiência de solidão e conseqüentemente a dos outros. Fundamentando essa afirmação, há a consonância de Sullivan (1953) e Fromm-Reichmann (1959) quanto à dificuldade em recordar a experiência de solidão. Além disso, a experiência de Weiss com pessoas que tinham se sentido sozinhas revelou que elas se colocaram como se não fossem elas mesmas, durante a experiência de solidão.

A existência de poucas pesquisas empíricas sobre solidão, apesar da difusão do problema, deve-se ao escasso conhecimento sobre as suas causas, sua experiência subjetiva ou intervenções efetivas para aliviá-la, sendo o maior obstáculo para a sua pesquisa a falta de um método de avaliação simples e fidedigno (Russell, Peplau & Ferguson, 1978).

Sadler Jr. (1978), admitindo ser a solidão um campo extremamente importante para investigações no âmbito da Psicologia Social, surpreende-se que tão pouco estudo tenha sido feito da solidão, tendo em vista a freqüência dos protestos solitários nas formas de arte contemporânea, na vida comum de todo dia. Referido autor comenta que, tanto as

ciências médicas, como as sociais e do comportamento, têm ignorado a solidão. Acrescenta, outrossim, a existência de uma confusão sobre solidão, que inibe pesquisa, análise e compreensão.

Rubenstein (1979) argumenta que, apesar do problema de solidão na América estar ganhando difundida atenção na imprensa popular, poucos estudos empíricos sobre o fenômeno têm sido elaborados.

Análises cuidadosas estão sendo empreendidas por psicólogos sobre agressão, competição e outros fatores negativos de relações sociais, enquanto há negligência em relação a outros, como a solidão (Russell, Peplau & Cutrona, 1980). Para os referidos autores, a pesquisa empírica em solidão tem sido tolhida por uma variedade de entraves, sendo que o obstáculo maior é que a solidão, ao contrário de outros problemas de relacionamento social, não pode ser facilmente manipulada pelos pesquisadores, o que requer, como tarefa crucial para os investigadores, não um paradigma experimental para produzir solidão em diferentes graus e sob condições controladas, mas, sim, o desenvolvimento de instrumentos para detectar variações na solidão que ocorrem na vida cotidiana.

Solano (1980) reforça a falta de medidas adequadas como a razão para a negligência na abordagem da solidão, apesar de ela se constituir um amplo problema na América Moderna e que seu estudo resulta em muito potencial para ajudar a entender tópicos tradicionais, tais como necessidade de afiliação e atração interpessoal.

Solano, Batten e Parish (1982) afirmam que psicólogos têm estado interessados, há muito tempo, em solidão, embora apenas recentemente a solidão se tornou objeto de pesquisa empírica substancial.

No que concerne ao interesse científico pelo estudo da solidão, em termos sumários, pode-se afirmar que seu incremento maior se deu a partir de 1970. Além disso, salien-

te-se a colocação de Sadler Jr. (1978), quanto à ignorância da solidão por parte das ciências médicas, como das sociais e do comportamento, a despeito da frequência de sua expressão na arte contemporânea e na vida comum de todo o dia. Acrescente-se, outrossim, a argumentação de Rubenstein (1979) quanto à elaboração de poucos estudos empíricos sobre a solidão, muito embora possa-se observar a atenção difundida sobre a mesma, por parte da imprensa popular. Quanto a isso tudo, o levantamento bibliográfico efetuado por esta autora constatou o crescente incremento de estudos sobre a solidão, como, também, a nível de observação, o interesse popular pelo tema.

O material consultado revela, em suma, as seguintes dificuldades para o desenvolvimento do estudo da solidão: escassez de pesquisas empíricas (D'Aboy, 1973; Bragg, 1979; Krebs, 1974; Kubistant, 1977; Loucks, 1980; Peplau, Russell & Heim, 1978); deficiência terminológica séria, resistência das pessoas em admitir a sua solidão e relutância dos psiquiatras em procurar clarificação científica para o termo (Fromm-Reichmann, 1959); generalizações filosóficas e psicológicas sobre alienação (Lopata, 1969); falta de teoria (Leiderman, apud Weiss, 1973); subestimação pelas pessoas de sua experiência de solidão (Weiss, 1973); dificuldades em manipular e mensurar a solidão, ressaltando-se a escassez de medidas fidedignas para a solidão (Russell, Peplau & Cutrona, 1980; Russell, Peplau & Ferguson, 1978; Schmidt & Sermat, 1983; Solano, 1980); confusão sobre a solidão (Sadler Jr., 1978).

Diante dessas constatações, fica implícita a necessidade de se incrementar estudos sobre solidão, visando a contribuir mais substancialmente para sua compreensão mais efetiva.

4. Conceituação e Definição de Solidão

Evidente se constitui a necessidade de, ao se dispensar tratamento científico a um tema, que seja estabelecida uma definição para o termo central, a fim de que venha a possibilitar uma melhor compreensão do conteúdo do trabalho.

No caso específico da solidão, diversos autores têm demonstrado preocupação na tentativa de definir o termo; ao mesmo tempo em que alguns ressaltam ser a solidão insatisfatoriamente conceituada.

Sobre esse último aspecto, Fromm-Reichmann (1959) admite ser a solidão um dos fenômenos psicológicos menos satisfatoriamente conceituados. Muito pouco é conhecido entre cientistas sobre suas genéticas e psicodinâmicas e, além disso, diversas experiências distintas, que são descritiva e dinamicamente diferentes entre si, tais como solidão culturalmente determinada, estar sozinho por auto-imposição, solidão compulsória, são todas incluídas no recipiente terminológico da solidão.

Mediante revisão feita na literatura relevante de Filosofia Existencial, Psiquiatria e Enfermagem Psiquiátrica, Hendrix (1972) afirma que o conceito e o fenômeno de solidão não eram bem definidos.

D'Abov (1973), através de uma avaliação da literatura existente sobre solidão, verificou que não há, para o referido fenômeno, uma definição consistente. Para este autor, o uso da palavra solidão é confuso, na medida em que vocábulos como alienação, solidão criativa e isolamento culturalmente induzido, utilizados para a descrição de diferentes estados afetivos, foram encontrados descritos como solidão. Evidencia, portanto, a falta de clareza no uso do termo solidão e a dificuldade em se comunicar acuradamente o que é solidão, como o significado de um estado afetivo.

Finalmente, Weiss (1973) estabelece uma crítica à definição de solidão apresentada no dicionário de Webster — um estado de desânimo ou pesar pela condição de estar sozinho — por se tratar de uma definição enganosa, uma vez que a solidão é causada, não pelo fato de se estar sozinho, mas se estar privado de certo relacionamento ou conjunto de relacionamentos.

No que concerne às definições e conceitualizações apresentadas sobre a solidão, foram registradas dimensões do fenômeno que são ressaltadas pelos estudiosos aqui discutidas nos 05 seguintes aspectos: falta de objetivo e significado de vida; reação emocional; sentimento indesejado e desagradável; sentimento de isolamento e separação; deficiência nos relacionamentos e carência de intimidade; e unattachment. Tal divisão visa a elucidar o assunto e a fornecer esclarecimentos suficientes para uma conceitualização mais acurada para a solidão.

A falta de significado e objetivo de vida é apontada como uma dimensão do fenômeno da solidão por alguns autores.

Para Burton (1961), a solidão não é uma condição, mas uma necessidade de autenticação, de significado e de unidade, em uma cultura desumanizante. É a confirmação da vivência psíquica do indivíduo.

O sentimento de falta de objetivo ou significado de vida é apontado por Bradley (1970) como um dos aspectos fundamentais para uma definição de solidão.

Ellison (1978) refere-se ao senso humano de separação de ou mutualidade com um significado de vida e de Deus como uma dimensão da solidão, em seu aspecto existencial. Fundamenta-se nos escritos do movimento existencialista, que têm repetidamente discorrido sobre a alienação essencial dos seres humanos, que são fundamentalmente separados uns dos outros, os quais transcendem o imediato e o propósito de vida. Desse modo, os existencialistas indiretamente têm delineado o perfil das pessoas existencialmente solitárias.

A dimensão de reação emocional para a solidão é salientada por Mishara (1975), que apresenta uma conceituação segundo a qual solidão é uma reação emocional a uma ausência de relacionamentos gratificantes importantes.

Enquanto isso, para Ellison (1978), a experiência de solidão inclui componentes emocionais, sendo caracterizada por intensa dor emocional.

O aspecto qualitativo do sentimento de solidão, quanto ao contínuo desagradável-gradável, é salientado por Sullivan (1953), para quem a solidão se configura como o sentimento que acompanha uma experiência excessivamente desagradável e dirigida. Considera, outrossim, a solidão como a mais distingüível entre as experiências dos seres humanos, pela qualidade insípida de tudo que é dito a seu respeito.

Por outro lado, Moustakas (1961) afirma que a solidão infinita e inevitável do ser humano não é exclusivamente uma condição terrível, mas também um instrumento para experienciar nova compaixão e nova beleza de vida. Essa afirmação fica mais clara, ao se examinar outro trabalho do autor, a seguir comentado.

Para Moustakas (1972), a solidão significa experienciar a agonia da vida, de ser, de morte como um indivíduo isolado, ou conhecer a beleza, a alegria e a maravilha de estar vivo em solitude. Esse duplo significado para a solidão é justificado pela opinião do autor de que a solidão tanto pode ser um estado desagradável como agradável, neste último caso representado pela solitude, estado em que a maioria dos estudiosos considera como distinto da solidão. Há que se considerar, assim, que o estado agradável da solidão a que se refere Moustakas não corresponde à solidão, que é por ele caracterizada como desagradável.

Outro autor, Walden (1973) também aponta a solidão como um sentimento indesejado e doloroso, enquanto Gerson e Perlman (1979) afirmam que o fenômeno da solidão é quase sem

pre acompanhado de senso doloroso de desconforto.

Finalmente, Russell, Peplau e Cutrona (1980) referem-se à solidão como uma experiência desagradável.

Diversos autores têm dispensado atenção à dimensão do sentimento de isolamento e separação no fenômeno da solidão, como um aspecto relevante.

O sentido de unidade, ressaltada por Burton (1961), relaciona-se à idéia de isolamento e separação, como dimensão da solidão.

Uma separação básica entre homem e homem e entre homem e sua própria natureza é uma das afirmações de Moustakas (1961) que deve ser considerada para uma conceitualização de solidão. Para o autor, a experiência de solidão é tão total, direta e vivida, tão profundamente sentida, que não há espaço algum para qualquer outra percepção, sentimento ou consciência, durante sua permanência. Moustakas (1972) refere-se, ainda, ao indivíduo isolado que vivencia a solidão, que significa estar aparte de e longe de si próprio, viver intensamente o momento de criação de um novo self.

Solidão é definida por Walden (1973) como um sentimento indesejado e doloroso de separação de certa pessoa, ou de algum aspecto do mundo de alguém.

Para Pittman (1977), solidão significa um sentimento de estar separado dos outros, um sentimento de não totalidade, sendo, muitas vezes, não construtivo, desintegrativo e sem objetivo orientado.

Finalmente, Ellison (1978) afirma ter observado que a solidão envolve sempre uma qualidade central de isolamento, seja ele emocional, social ou existencial.

A dimensão da solidão que mais tem sido explorada por seus estudiosos é a que se refere à deficiência nos relacionamentos da pessoa, à qual estão relacionadas a carência de intimidade e a falha na comunicação interpessoal. Convém, portanto, discorrer sobre o que tem sido afirmado na literatura.

Para Sullivan (1953), a solidão se configura como o sentimento que acompanha uma experiência excessivamente desagradável e dirigida, conexada com uma inadequada descarga de intimidade humana, de intimidade interpessoal. O autor refere-se à intimidade como significando exatamente proximidade, um tipo de situação envolvendo duas pessoas, que permite a valorização de todos os componentes do valor pessoal.

Fromm-Reichmann (1959) afirma que solidão é um estado de pensamento no qual a pessoa deseja ardentemente que relacionamentos interpessoais em sua vida futura possam ser excluídos da esfera de expectativa ou imaginação.

Por outro lado, Moustakas (1961) enuncia a falha na comunicação e em doar-se o bastante a outras pessoas como um ponto fundamental para a conceitualização de solidão.

Solidão é considerada por Lopata (1969) como um sentimento vivenciado por uma pessoa, quando ela define seu nível experienciado ou forma de interação como sendo inadequados. Tal sentimento é provável de aparecer quando a profundidade habitual ou esperada das relações com outras pessoas é julgada como temporária ou permanentemente invalidada, rompidas ou subdesenvolvidas.

Ainda dentro do conjunto de definições e/ou conceitualizações da solidão que ressaltam a importância dos relacionamentos interpessoais, figura Bradley (1970) que define solidão a partir de sentimentos de perda de relacionamentos significativamente personalizados na vida de alguém, como também de necessidade pessoal de e falta de aproximação física e contato com outros.

Convém citar Moustakas (1972) que se refere à solidão como basicamente um sinal de malogro e falha, um sintoma de colapso nos relacionamentos humanos.

Tendo encontrado, na literatura existente, a descrição de solidão de longo termo como significando um distúrbio que impede a capacidade do indivíduo em estabelecer re-

lacionamentos satisfatórios, Mishara (1975) conceitua o termo como uma reação emocional a tipos particulares de carências interpessoais, embora diferenças individuais tenham sido notadas na necessidade por contato humano e em tolerância por isolamento social. Acrescenta uma outra conceituação, segundo a qual solidão é uma reação emocional a uma ausência de relacionamentos gratificantes importantes.

Gordon (1976) apresenta uma definição de solidão, como um sentimento de privação causado pela falta de certas espécies de contatos humanos, o sentimento de que algo está faltando. A solidão é experimentada tanto pela falta de relações íntimas como pela falta de menos profundos, porém não menos importantes, relacionamentos sociais e apoiativos — que equivalem a uma rede social de relacionamentos.

Portnoff (1976), considerando existir apenas uma unidade fundamental na descrição de solidão, define-a como uma experiência de desorientação ou estar perdido dentro de um domínio de significado resultante da quebra ou rompimento de relacionamento com outros significantes.

Em conceito de solidão definido e discutido com referência à velhice, Williams (1978) coloca que o referido fenômeno é um sentimento que domina determinada pessoa, quando lhe parece que ninguém se preocupa com o que lhe acontece. O sentimento é expressado como auto-piedade, assim fazendo com que a pessoa pense apenas em si e em coisas que espera dos outros.

Para Gerson e Perlman (1979), "solidão reflete uma deficiência nas relações sociais de alguém, que quase sempre é acompanhada de senso doloroso de desconforto". (p. 258).

Chelune, Sultan e Williams (1980) afirmam que "a solidão parece ser largamente uma experiência subjetiva associada com a percepção de uma falta de relacionamento interpessoal" (p. 462). Além disso, citam afirmação de Sermat e Smith (1973), segundo a qual a solidão decorre principalmen

te da falta de uma oportunidade para falar de assuntos particulares pessoalmente importantes com mais alguém. Perlman e Peplau (no prelo, apud Chelune, Sultan & Williams, 1980) asseguram que a solidão existe, na medida em que a rede de relacionamentos sociais de uma determinada pessoa é menor ou menos satisfatória do que a pessoa deseja.

Schmidt e Sermat (1983) descrevem a solidão em termos de uma discrepância sentida subjetivamente entre os tipos de relacionamentos que o indivíduo percebe que tem e aqueles que ele gostaria de ter.

Embora unattachment possa ser incluído em uma discussão geral sobre a deficiência de relacionamentos humanos como uma dimensão da solidão, o seu nível mais profundo e acentuado vem a merecer tratamento mais específico, dada a sua importância para a compreensão e definição de solidão, conforme afirmações de alguns autores, a seguir exploradas.

Assim, convém citar Weiss (1973), que define solidão como uma resposta à ausência de algum tipo particular de relacionamento ou, mais acuradamente, uma resposta à ausência de alguma provisão relacional particular. Em muitas instâncias, constitui-se uma resposta às ausências das provisões de um attachment íntimo, verdadeiramente íntimo, podendo ser, também, uma resposta à ausência de provisão de amizades significativas, relacionamentos colegiais ou outras ligações para uma comunidade coerente. Tomando essas instâncias como suporte, o referido autor infere que a solidão é uma resposta à deficiência relacional e que, apesar das diferenças de cada experiência de solidão, existem sintomas comuns, o que possibilita falar-se de solidão como uma condição singular.

A partir dessas colocações, Weiss apresenta duas formas amplas de solidão, a saber: solidão de isolamento emocional, resultante da ausência de uma ligação emocional íntima, e solidão de isolamento social — associada com a falta de uma rede social engajante. Mesmo apresentando sintomas

diferentes, tanto para a solidão emocional como para a social são inerentes à mesma inquietação dirigida e à mesma ansia pela falta de provisões relacionais.

Ellison (1978) afirma que a solidão envolve a falta de intimidade positivamente experienciada com outra pessoa, que é percebida como significativa e que deseja mutuamente o relacionamento. A solidão basicamente refere-se à falta de relacionamento satisfatório para o indivíduo, estado no qual a pessoa se sente unattached; por várias razões, é incapaz de iniciar e continuar relacionamentos significativos, ou é incapaz de obter satisfação psicológica de relacionamento que lhe são importantes.

Além disso, Ellison (1980) menciona que a solidão não é o mesmo que estar só, uma vez que solidão é sentir-se só, sentir-se desligado; um desejo insatisfeito de companhia, um senso de separação das pessoas que são emocionalmente importantes para quem sente solidão. A solidão deve-se a uma deficiência de intimidade e um certo grau de intimidade é necessário a todos os seres humanos. Para Ellison, a solidão é a falta de ser querido e de ter um relacionamento significativo, para as pessoas que têm dificuldade de encetar um relacionamento íntimo. Em relação às demais pessoas, significa a perda de uma relação íntima por uma separação física ou psicológica. Mais à frente, acrescenta que "a solidão é um desejo insatisfeito de companhia" (p. 34).

Uma análise das definições e conceitualizações ora apresentadas sobre solidão permite registrar, como já anteriormente comentado, que os estudiosos incluem as seguintes dimensões para o fenômeno: falta de objetivo e significado de vida; reação emocional; sentimento indesejado e desagradável; sentimento de isolamento e separação; deficiência nos relacionamentos e carência de intimidade; e unattachment. Alguns autores enfatizam determinadas dimensões e omitem outras, observando-se, ainda, a pouca ênfase que é dispensada a dimensões que se configuram importantes para o fenômeno da solidão, como a sua intrínseca característica de desagradabilidade e à sua inerente característica de unattachment.

Há que se observar, assim, a falta de um consenso conceitual para o termo solidão, entre os estudiosos do assunto. Uma consequência por demais importante desse fato é a ausência de uma linguagem universalmente compreensiva sobre o tema. Ademais, conceituações insatisfatórias surgem e, desse modo, não cobrem a amplitude total do fenômeno da solidão, abrangendo, então, apenas algumas de suas dimensões.

Necessário se faz, portanto, que se estabeleça uma definição consistente para o fenômeno da solidão, de modo a que sua compreensão se faça real e ampla o suficiente para um entendimento mais completo de seu significado.

Assim, com base na literatura consultada sobre a solidão, propõe-se a seguinte definição para o termo, consideradas as suas dimensões, e que será adotada na presente dissertação: solidão é uma reação emocional de insatisfação, decorrente da falta e/ou deficiência de relacionamentos pessoais significativos, a qual inclui algum tipo de isolamento.

5. Variáveis Associadas à Solidão

Diversas variáveis têm sido abordadas em estudos, no tocante à sua relação com a solidão, entre as quais podem ser mencionadas o estado civil (Abrahams, 1972; Ellison, 1980; de Jong-Gierveld, 1978; Kivett, 1979; Knipscheer, 1975; Landefeld, 1977; Lopata, 1969; Moore, 1980; Rubenstein, 1979; Sadler Jr., 1978; Weiss, 1973; Wood, 1977; Wood, 1978); a idade (Becker, 1974; Ellison, 1978; Ellison, 1980; Francis, 1973; Knipscheer, 1975; Rubenstein, 1979; Sadler Jr., 1978; Specht, 1976; Tanner, 1973; Weiss, 1973; Wood, 1978); grupos raciais (Francis, 1973; Rubenstein, 1979); nível educacional (Nevils Jr., 1978; Rubenstein, 1979; Wood, 1977; Wood, 1978); status sócio-econômico (Ellison, 1980; Moore, 1973; Moore, 1974; Moore, 1976; Nevils Jr., 1978; Perlman, Gerson & Spinner, 1978; Rubenstein, 1979; Weiss, 1973); local de moradia (Kivett, 1979; Woodward, Gingles & Woodward, 1974); mobilidade demográfica (Ellison, 1978; Moore, 1976; Nevils Jr., 1978; Rubenstein, 1979; Wood, 1977); sexo (Ellison, 1978; Ellison, 1980; Kubistant, 1977; Landefeld, 1977; Loucks, 1974; Mishara, 1975; Portnoff, 1976; Russell, Peplau & Cutrona, 1980; Russell, Peplau & Ferguson, 1978; Sadler Jr., 1978; Solano, 1980; Weiss, 1973; Wood, 1978); e urbanização (Becker, 1974; Ellison, 1978; Ellison, 1980; Hauser, 1976; Moustakas, 1961; Simmel, 1962; Wirth, 1938).

Incluem-se entre os referidos estudos tanto abordagens teóricas como pesquisas empíricas, ainda com prevalência para as primeiras, entre as quais se observa a existência de lucubrações e da insuficiência de pesquisas empíricas sobre a solidão que apresentem o rigor científico necessário para sua credibilidade.

Diante de todas estas variáveis citadas, cuja associação com a solidão tem sido explorada, resolveu-se escolher o sexo e a urbanização para estudo neste trabalho.

Justifica-se a escolha do sexo, de vez que, como poderá ser observado adiante, os resultados das pesquisas empíricas sobre a referida variável não se apresentam uniformes.

Além disso, há a expectativa vigente de que as mulheres se apresentem mais solitárias do que os homens, o que vem a exigir averiguação empírica, de vez que tal expectativa contrasta com muitas das pesquisas empíricas e com alguns estudos teóricos consultados.

O problema, pois, aparentemente não está solucionado no plano empírico e, também, no racional, onde igualmente se verifica discordância de afirmativas quanto à associação entre sexo e solidão.

Por sua vez, a urbanização se apresenta como um problema contemporâneo, que tem despertado a preocupação de razoável quantidade de estudiosos. Sua associação com a solidão tem sido objeto de diversos estudos teóricos. Contudo, constata-se uma total ausência de estudos empíricos, que explorem a associação entre urbanização e solidão.

Desta forma, apresentam-se por demais necessárias averiguações empíricas, que venham a verificar, através de pesquisas, a relação entre urbanização e solidão.

5.1 - Sexo e Solidão

O sexo é um dado demográfico que, com relativa frequência, vem recebendo atenção dos estudiosos que tratam da solidão.

No plano racional, alguns estudos teóricos são encontrados sobre o assunto e sua análise merece ser efetuada, dada a importância que a variável sexo assume nesta dissertação.

Gordon (1976) coloca que existe atualmente uma tendência para se estabelecer distinções quantitativas e qualitativas, ao se tratar a solidão da mulher em relação ao homem. Acredita a autora que homens e mulheres sofrem a solidão diferentemente e que essas diferentes experiências de solidão derivam da definição da sociedade com respeito às características atribuídas a cada sexo, que por sua vez tendem a apresentar barreiras à compreensão mútua da solidão. Para Gordon, contudo, não se pode dizer que um sexo sofra solidão mais que o outro. Diz, ainda, que, apesar de que as mulheres não podem tão facilmente esconder sua solidão em atividades, elas, quase sempre, têm, por exemplo, mais liberdade de expor suas emoções que os homens. Esses, por sua vez, podem tentar esquecer seus sentimentos em atividades relacionadas ao trabalho, mas, mesmo assim, são mais inibidos em expressar suas emoções a quaisquer dos dois, homens ou mulheres.

Deste modo, Gordon considera apenas a distinção qualitativa entre os sexos, no que concerne à experiência de solidão, sem que isso implique em distinção quantitativa, para ela inexistente no trato desse problema.

Com o objetivo de explorar, comparar, contrastar, integrar e sintetizar as principais tentativas de compreensão do fenômeno da solidão, Kubistant (1977) efetuou estudo, abrangendo as perspectivas histórica e literária; análise dos principais componentes e das principais teorias; das

causas, extensão, efeitos e dinâmica individual e dos relacionamentos individuais; e análise das dimensões sociais do fenômeno da solidão. Dentre as conclusões integradas e sintéticas apresentadas, o autor afirma que parece existirem diferenças sexuais inatas que influenciam as formas individuais, graus e habilidade geral para encarar o fenômeno da solidão.

Para Sadler Jr. (1978), diferentes tipos de solidão são possivelmente ligados não apenas com tipos de personalidades diversas, mas também com fatores outros, tais como o sexo, idade, classe sócio-econômica e situações específicas. Seu estudo constitui-se uma abordagem teórica fenomenológica em Psicologia Social para as dimensões do problema da solidão.

Finalmente, análise de Ellison (1980) revela a tendência à solidão das mulheres por volta dos 30 anos, quando ainda não conseguiram ter filhos, dada a exigência da sociedade norte-americana de que, nessa idade, elas se casem, para que não se sintam fracassadas.

No plano teórico, faz-se possível verificar que os autores não apresentam uma unanimidade de opiniões, quanto à relação existente entre sexo e solidão.

Enquanto Gordon (1976) formula hipótese de que a diferença entre sexos — no que concerne à solidão — situa-se no plano qualitativo e que tal distinção decorre de influências sociais quanto aos papéis sexuais, Kubistant (1977) infere sobre a existência de diferenças sexuais inatas que influenciam o fenômeno da solidão. São, pois, hipóteses contrastantes, uma vez que partem de pressupostos distintos — influências sociais sobre os papéis sexuais e diferenças sexuais inatas. E Kubistant deixa claro que as diferenças sexuais no fenômeno de solidão atingem também o grau em que a experiência é vivenciada.

Por outro lado, Sadler Jr. (1978) admite o sexo como um fator ligado a diferentes tipos de solidão. Dessa forma,

não há referência a graus distintos de solidão como decorrentes do sexo. Além disso, não fica esclarecido se as diferenças sexuais são inatamente determinadas, ou decorrentes de influências sociais, quanto à sua relação com a solidão.

A opinião de Ellison (1980) de certo modo concorda com a hipótese de Gordon (1976), na medida em que as causas mencionadas para a tendência à solidão das mulheres por volta dos 30 anos são de origem social e também se configuram sob o aspecto qualitativo, de vez que é a forma como a solidão é vivenciada que Ellison ressalta e não o grau da experiência.

A análise das colocações teóricas não elucidada totalmente o problema da relação entre sexo e solidão, mormente se for considerado que nenhum dos autores testou empiricamente suas hipóteses. A hipótese da existência de diferenças sexuais não significativas no aspecto qualitativo, contudo, parece melhor fundamentada, na medida em que mesmo autores que admitem diferenças significativas o fazem em relação a tipos de solidão, à exceção de Kubistant (1977).

Desta forma, a relação existente entre sexo e solidão ainda se constitui um problema, pelo menos no plano racional, ora explorado.

Uma análise dos estudos empíricos encontrados sobre o assunto parece oportuna, na medida em que poderão fornecer elementos que esclareçam o problema ora enfocado e que não ficou solucionado no plano teórico.

Pesquisas empíricas que exploraram a relação entre sexo e solidão têm apresentado resultados que apontam diferenças sexuais para o fenômeno.

Maisel (1969) relata dados coletados através da realização de um survey feito por telefone. Através de pergunta sobre se durante a semana passada os respondentes haviam se sentido muito solitários ou afastados de outras pessoas, os resultados da pesquisa — com uma amostra nacional dos EUA — indicaram que 11% da população pesquisada responde-

ram afirmativamente, sendo 14% de mulheres e 9% de homens. Weiss (1973) comenta o trabalho de Maisel e afirma que a razão da prevalência de solidão entre as mulheres não fica esclarecida, de vez que pode ser porque realmente sofrem de solidão maior ou porque é mais fácil para elas admitir a solidão do que para os homens. Weiss questiona, ainda, o método utilizado na pesquisa — pergunta por telefone, uma vez que o rapport assim estabelecido é bem mais limitado do que os métodos face-a-face. O trabalho de Maisel foi mimeografado, não sendo possível ter acesso ao mesmo, em busca de maiores detalhes esclarecedores, que possibilitassem uma análise mais acurada. Isso se faz particularmente lamentável, pelo fato de não ser possível verificar se houve tratamento estatístico adequado para os dados e, em consequência, se a diferença observada entre homens e mulheres foi realmente significativa. Os dados brutos relatados não permitem uma conclusão segura a respeito dos resultados do trabalho.

O estudo de Portnoff (1976) constou de 68 estudantes universitários, de ambos os sexos, que foram instruídos a pensar sobre um tempo em que estiveram particularmente sós, com base nos seguintes aspectos: 1. circunstâncias em que isso ocorreu; 2. o que pensaram, sentiram e quiseram; 3. como se comportaram; e 4. circunstâncias sob as quais a experiência foi aliviada. As respostas, submetidas a uma análise de conteúdo, apontaram diferenças de sexo, no que concerne aos elementos experienciais mais frequentemente mencionados como relacionados à solidão, sendo que as mulheres relataram mais depressão e mais necessidade dos outros, enquanto os homens, mais tédio e/ou apatia.

Importante ressaltar que as diferenças sexuais encontradas referem-se a como a experiência de solidão é vivenciada, em termos de sua associação com outros elementos e não a diferentes graus de solidão, de acordo com os sexos dos sujeitos.

Landefeld (1977) elaborou uma investigação fenomenológico-

lógica da experiência da solidão na viuvez, com uma amostra de 17 sujeitos, 10 homens e 7 mulheres, na faixa etária de 50 a 60 anos. Diferenças de sexo foram constatadas, na maneira como a solidão é experienciada na viuvez: as mulheres, pela tendência a ver os filhos com certo ressentimento, assim como elas tentam ser tanto pai como mãe; os homens, por não assumirem o papel maternal e tenderem a ter um relacionamento mais sadio com os filhos. Landefeld atribui as diferenças como resultantes desses papéis sexuais culturalmente determinados. Sua amostra é oriunda, além disso, de uma população mais específica — viúvos, dentro de uma faixa etária mais elevada. Convém observar, também, que as diferenças sexuais são constatadas em relação à maneira como a solidão é experienciada e não ao seu grau ou intensidade. O autor, outrossim, não especifica se a viuvez dos sujeitos estudados é recente ou não, informação essencial para que se pudesse avaliar com precisão a determinação cultural dos papéis sexuais, no que concerne à sua relação com a experiência de solidão.

Wood (1978) utilizou um modelo de identidade social*, com o intuito de examinar os efeitos psicológicos de variáveis demográficas e suas interações. Uma amostra composta de 258 sujeitos, de 18 a 54 anos e de ocupações variadas, preencheu um questionário de solidão, sobre o qual não se tem qualquer esclarecimento, além de uma versão modificada do "Twenty Statement Test", um questionário demográfico e outro de auto-estima. Análise de regressão múltipla revelou que solidão é maior em mulheres do que em homens, sendo que o referido fenômeno foi também afetado pelas interações entre sexo, estado civil e educação. Além disso, solidão foi

(*) O modelo de identidade social de Wood (1977) é derivado da teoria de papel social e interacionismo simbólico. Encara identidade como função da interação de características sociológicas, sócio-psicológicas e psicológicas das posições sociais ocupadas pelo indivíduo. São dois os componentes de identidade social: intimidade, relações pessoais e conhecimentos; e relações públicas na comunidade maior.

maior em respondentes não casados do que em casados, diretamente relacionada à idade e inversamente relacionada à educação. Os componentes de identidade social contribuíram para um pequeno mas significativo incremento na variância de escores de solidão acima e superior à contribuição das variáveis demográficas e suas interações. A falta de maiores detalhes sobre o instrumento de medida de solidão utilizado na pesquisa de Wood impossibilitou averiguar a sua validade e consistência interna. Além disso, a composição da amostra por sujeitos de ocupações variadas permite atribuir a isso uma influência nos resultados da pesquisa, de vez que esse dado não parece ter sido considerado como uma variável.

Russell, Peplau e Cutrona (1980) desenvolveram estudo, utilizando a "Revised UCLA Loneliness Scale".* Compuseram a amostra 162 estudantes (64 homens e 98 mulheres) da UCLA com participação voluntária na pesquisa. Além do citado instrumento de medida de solidão, os sujeitos preencheram três medidas referentes a estados emocionais (ansiedade e depressão) e uma escala de classificação de emoção. Os testes conduzidos para avaliar diferenças de sexo revelaram uma diferença significativa ($t_{157} = 3.20, p < 0,001$), com os homens classificando-se significativamente como mais sós do que as mulheres ($M_s = 36,23$ e $31,12$, respectivamente). Entretanto, incluindo sexo como uma variável nas análises de regressão, não houve indicação de que o sexo mediasse qualquer dos resultados. Os autores não apresentam discussão alguma referente às diferenças de sexo observadas, nem mesmo se haviam formulado hipótese nessa direção, ou na direção oposta.

Antes de estabelecer um comentário geral sobre as

(*) O Capítulo II deste trabalho apresenta detalhes da "Revised UCLA Loneliness Scale" e o procedimento utilizado para sua adaptação e validação para uma população brasileira, cujo instrumento final foi denominado de Escala UCLA de Solidão (Pinheiro & Tamayo, 1982), que foi utilizada na pesquisa realizada nesta dissertação.

pesquisas empíricas que apontaram diferenças de sexo, no que concerne à solidão, mister se faz expor aquelas que não encontram diferenças, a fim de se dispor de outros elementos que possam levar a uma compreensão mais elucidada do problema abordado.

Utilizando amostra de 250 pessoas e técnicas de entrevista, Loucks (1974) não encontrou diferenças de sexo entre os sujeitos. A falta de acesso aos detalhes torna impraticável uma apreciação sobre o estudo, tanto no que concerne à amostra, como à metodologia e ao tratamento estatístico empregado para o tratamento dos dados.

Mishara (1975), em pesquisa com o objetivo de desenvolver uma teoria de solidão e sua validação empírica, levantou a hipótese de que haveria diferença entre os sexos, a qual não foi confirmada. A amostra utilizada foi a de 198 estudantes universitários. Mishara diz que a solidão foi relacionada com baixo escore no componente de "Social Isolation" (SI) da definição multidimensional de alienação de Ziller e alto escore de preferência por reforçamento interpessoal (PIR). Afirma que a interação entre esses resultados explicaria a solidão. Teria sido fundamental conhecer as bases que levaram o aludido autor a formular a hipótese não confirmada da diferença entre os sexos. Ademais, o desconhecimento dos instrumentos utilizados não permite afirmar se realmente mediram o construto da solidão.

Na pesquisa efetuada para a validação da "UCLA Loneliness Scale", Russell, Peplau e Ferguson (1978) não encontraram diferenças de sexo significativas no que concerne à solidão. A amostra foi composta de 239 estudantes da Universidade da Califórnia - Los Angeles (UCLA). Os autores apenas relatam seus resultados, sem estabelecer qualquer discussão a respeito da constatação de ausência de diferenças sexuais com respeito à solidão.

Objetivando dar continuidade ao trabalho de Bradley (1970) para o desenvolvimento de um instrumento de auto-ava

liação para medir solidão, a "Bradley Loneliness Scale"*, Loucks (1980) desenvolveu pesquisa, utilizando amostra composta de 250 estudantes voluntários (145 mulheres e 105 homens) de uma Universidade americana, sendo a idade média de 19 anos e havendo 09 negros, 03 orientais e 238 caucasianos. Os resultados revelaram a ausência de diferenças sexuais significativas, com relação à solidão e também como efeito de interação. Nenhuma discussão é estabelecida sobre esses resultados, não se sabendo qual a explicação que lhes é atribuída. Contudo, salienta-se que foi estabelecido por Loucks a fidedignidade teste-reteste ($r = 0,82$) e a validade de construtos da "Bradley Loneliness Scale".

Russell, Peplau e Cutrona (1980) desenvolveram estudo empírico, utilizando a "Revised UCLA Loneliness Scale", além de uma medida concernente a atividades sociais e relacionamentos, outras a humor e personalidade, três medidas referentes a estados emocionais (ansiedade e depressão) e uma escala de classificação de emoção. A amostra foi composta de 237 estudantes (107 homens e 130 mulheres) da "University of California - Los Angeles" - UCLA. Comparações foram feitas entre as médias dos escores de solidão para homens e mulheres e não foram encontradas diferenças significativas entre os sexos. Incluindo sexo como uma variável, nas análises efetuadas, não houve indicação de mediação. Observa-se que os mesmos autores, em pesquisa relatada anteriormente já nesta seção, encontraram diferenças sexuais signi-

(*) Trata-se de um instrumento de medida do tipo Likert, construído com base em uma lista inicial de 134 afirmativas, das quais foram selecionados 38 itens, a partir de uma aplicação feita em 94 estudantes homens de um junior college. A escolha desses itens se deu pelo seu poder de discriminação e de consistência interna. Bradley utilizou uma amostra de 95 internos da "Washington State Penitentiary" (WSP) para estabelecer a validação. A análise de validação discriminante foi feita pela comparação (produto de momento) do escore total da escala de solidão com as escalas clínicas do MMPI, encontrando, como esperado, alta correlação, pela inclusão, no conceito de solidão, de depressão e ansiedade (Bradley, 1970).

ficativas, utilizando o mesmo instrumento de medida de solidão e amostra também de estudantes universitários. Contudo, esses resultados divergentes não foram discutidos, limitando-se Russell, Peplau e Cutrona apenas a apresentá-los.

Utilizando duas medidas de solidão — a "Belcher Extended Loneliness Scale" (BELS)* e a "UCLA Loneliness Scale", Solano (1980) desenvolveu pesquisa com uma amostra constituída de 258 estudantes da "Wake Forest University", sendo 151 do sexo masculino e 107 do feminino. A idade variou entre 18 e 22 anos. As escalas, distribuídas em ordem randômica, foram aplicadas coletivamente. Processando-se a análise das diferenças sexuais entre as duas escalas, não houve diferença significativa na escala de solidão geral da BELS. A "UCLA Loneliness Scale" também não apontou diferenças significativas quanto ao sexo. As diferenças de sexo verificadas referiram-se ao escore total das escalas BELS ($t_{256} = 2.82$, $p < 0,02$), com homens mais solitários, que incluem outras medidas além de solidão. Houve, também, diferenças sexuais em quatro das oito escalas fatoriais da BELS (solidão patológica ($t_{256} = 2.61$, $p < 0.01$); alienação ($t_{256} = 3.23$, $p < 0.001$); solidão existencial ($t_{256} = 2.64$, $p < 0.01$); e depressão solitária ($t_{256} = 2.57$, $p < 0.01$), em todos os sujeitos masculinos aparecendo em média como mais sós. Mais uma vez, há que se lamentar a ausência de comentários explicativos sobre os resultados obtidos. Ressalte-se, por oportuno, que as diferenças aludidas referem-se primeiramente a um conjunto de medidas que, além da solidão, en-

(*) Trata-se de uma medida multi-dimensional de solidão, que inclui 04 (quatro) sub-escalas: uma escala de solidão geral (35 itens), uma de alienação (19 itens), uma de anomia (5 itens) e uma questão de solidão global de um só item. A análise fatorial apontou 8 (oito) fatores, denominados solidão patológica, alienação, ansiedade solitária, solidão existencial, afastamento, anomia, depressão solitária e separação, todos com mais de 80% de variância. As respostas são dadas em um contínuo de 06 (seis) pontos, que vão de 1 (um) — raramente ou quase nunca verdadeiro, a 6 (seis) — verdadeiro todo tempo ou a maioria do tempo. A validação foi efetuada com uma amostra totalizando 442 estudantes do "Illionois Institute of Technology" (Belcher, 1974).

globam outros construtos, conforme detalhes apresentados sobre a BELS. O segundo grupo de diferenças está relacionado a determinados fatores da BELS e o sexo pode estar relacionado a determinadas características de personalidade presentes nesses tipos de construtos mensurados e não à solidão como um fenômeno amplo. Assim, quando as medidas referiam-se a solidão geral, diferenças sexuais não foram encontradas.

Faz-se conveniente, após esta exposição sobre os trabalhos empíricos consultados, que abordam a relação entre sexo e solidão, tecer alguns comentários sobre o seu conteúdo.

Inicialmente, evidente se constitui que, tal qual foi constatado nas considerações de cunho teórico sobre o assunto, os resultados empíricos não se apresentam uniformes, na medida em que, por vezes, são mencionadas diferenças entre os sexos — com os homens, algumas vezes, aparecendo como mais sãos, em outras são as mulheres que assim se apresentam, além de pesquisas que não especificam as diferenças e aquelas em que as diferenças são relativas a como a solidão é experienciada. Ademais, resultados foram encontrados em que não se verificam diferenças sexuais significativas.

Como pode ser observado, através do conteúdo da exposição ora feita, as amostras utilizadas nas pesquisas foram as seguintes: amostra nacional dos EUA (Maisel, 1969); viúvos (Landefeld, 1977); pessoas sem especificação (Loucks, 1974); sujeitos de ocupações diversas (Wood, 1978); e todas as demais compostas por estudantes universitários (oito amostras): Mishara (1975), Portnoff (1976), Russell, Peplau e Ferguson (1978); Loucks (1980); Russell, Peplau e Cutrona (1980) - Estudo 1; Russell, Peplau e Cutrona (1980) - Estudo 2; e Solano (1980). De um modo geral, verificou-se a ausência de detalhes mais esclarecedores sobre as referidas amostras, que poderiam eventualmente interferir nos resultados obtidos. Além disso, resultados diversos podem ter advindo do fato de se estudar amostras diferentes. Lamenta-se, por fim, a falta de acesso aos detalhes sobre a maioria das amostras, para avaliar com

segurança se os resultados atribuídos às diferenças sexuais são realmente delas oriundos ou decorrentes de outras variáveis não mencionadas e que podem não ter sido devidamente controladas.

Quanto aos instrumentos e métodos de pesquisa utilizados, constata-se, assim como já referido em relação às amostras, uma variedade bem ampla. Constata-se o emprego dos seguintes instrumentos e/ou métodos de medida de solidão: survey, através de perguntas por telefone (Maisel, 1969); técnicas de entrevistas (Loucks, 1974); componente de "Social Isolation" da definição multidimensional de Ziller e medida de preferência por reforçamento interpessoal (PIR) (Mishara, 1975); investigação fenomenológica e análise de conteúdo (Portnoff, 1976; Landefeld, 1977); "UCLA Loneliness Scale" (Russell, Peplau & Ferguson, 1978; Solano, 1980); Questionário de Solidão (Wood, 1978); "Bradley Loneliness Scale" (Loucks, 1980); "Revised UCLA Loneliness Scale" (Russell, Peplau & Cutrona, 1980; dois estudos) e a "Belcher Extended Loneliness Scale" - BELS (Solano, 1980).

Fácil se faz observar que, à exceção de investigação fenomenológica e da "UCLA Loneliness Scale" - cada uma das quais empregada duas vezes - todas as demais técnicas só foram utilizadas em uma só investigação. A falta de detalhes sobre o conteúdo dos instrumentos impossibilita avaliar se a medida realmente se refere à solidão. Impossibilita, outrossim, o exame de sua validade e fidedignidade.

Dos instrumentos de medida de solidão utilizados nas pesquisas, detalhes são conhecidos apenas sobre a "UCLA Loneliness Scale", a "Bradley Loneliness Scale", a "Revised UCLA Loneliness Scale" e a "Belcher Extended Loneliness Scale".

Essas verificações permitem levantar o questionamento de que os diferentes resultados obtidos possam ser decorrentes das diferentes medidas utilizadas, desde que venha a se constatar que algumas das mesmas não mensurem realmente o construto da solidão.

Finalmente, faz-se mister analisar os resultados apresentados, quanto à detecção de diferenças sexuais ou não em relação à solidão. Maisel (1969) e Wood (1978) encontraram as mulheres como mais solitárias do que os homens. Não há informação se a diferença encontrada por Maisel foi significativa. Quanto ao trabalho de Wood, além de sua amostra ter constado de sujeitos de ocupações diversas e dentro de uma faixa etária muito ampla - 18 a 54 anos, desconhecem-se detalhes sobre o Questionário de Solidão utilizado.

Russell, Peplau e Cutrona (1980) e Solano (1980) encontraram homens mais solitários que as mulheres, a nível significativo, salientando-se que os mesmos autores também encontraram resultados que não apontaram diferenças sexuais significativas. As diferenças encontradas por Solano (1980), como já foi mencionado, referiram-se a medidas que incluíram outros construtos além da solidão.

As diferenças de sexo apontadas por Mishara (1976) referem-se a elementos experienciais relacionados à solidão; e Landefeld (1977) também a elas se refere como resultantes de papéis sexuais culturalmente determinados.

Assim, os resultados concernentes a diferenças sexuais não se apresentam suficientemente consistentes.

Quanto aos resultados que não apresentaram diferenças sexuais significativas, à exceção de Loucks (1974) — cuja amostra constou de 250 pessoas, sem que se saiba suas características, todas as demais amostras foram formadas de estudantes universitários (Loucks, 1974; Mishara, 1975; Russell, Peplau & Ferguson, 1978; Loucks, 1980; Russell, Peplau & Cutrona, 1980; Solano, 1980).

Sobre os instrumentos de medidas utilizados, tem-se conhecimento a respeito dos mesmos no que concerne a sua validade e fidedignidade.

Embora não se possa afirmar que as pesquisas que não encontraram diferenças sexuais significativas sejam solidamente determinantes para solucionar o problema da relação

entre sexo e solidão, parecem mais bem elaboradas do que as que encontram diferenças significativas.

Diante desta análise ora encerrada, fica evidenciado que a relação entre sexo e solidão ainda permanece problemática, tanto no plano racional como no empírico, embora os resultados que não apontam diferenças sexuais significativas pareçam mais consistentes.

Oportuno se faz, portanto, explorar o problema neste trabalho, considerando o sexo como variável, no que se refere à sua relação ou não com o fenômeno da solidão, com o intuito de fornecer maiores esclarecimentos para a solução do problema ora abordado, e também pelo interesse que o mesmo representa para esta pesquisadora.

5.2 - URBANIZAÇÃO E SOLIDÃO

5.2.1 - Considerações sobre Urbanização

Antes de se iniciar o exame dos estudos que abordam a relação entre urbanização e solidão, parece oportuno sejam feitas algumas considerações sobre o termo urbanização, visando a esclarecer satisfatoriamente o seu significado.

Segundo Wirth (1938), o surto das grandes cidades é característico do que há de moderno em nossa civilização, assim como o início da civilização ocidental é marcado pelo sedentarismo de povos até então nômades na bacia do Mediterrâneo. Conseqüência imediata desse processo é o afastamento da humanidade da natureza orgânica. O modo de vida do homem moderno é caracterizado por sua concentração em gigantescos agregados, em torno dos quais, por sua vez, se agrupam menores centros. Para Wirth, o crescimento das cidades — conseqüência imediata da urbanização do mundo — é um dos fatos mais impressionantes do mundo moderno. Ele considera que a dominância das cidades — principalmente das grandes cidades — em relação ao meio urbano, dá-se pela concentração nas primeiras de facilidades e atividades industriais e comerciais, financeiras e administrativas, linhas de transporte e comunicação, e equipamentos culturais e recreativos. Diante disso, a urbanização já não podia mais, já aquela época, ser concebida como simplesmente o processo pelo qual as pessoas são atraídas para a cidade e incorporadas ao seu sistema de vida. Urbanização é também referente a essa acentuação cumulativa das características distintas do modo de vida que se associa ao crescimento das cidades e às mudanças de direção verificadas nos modos de vida reconhecidos como urbanos. Embora reconheça que o meio rural possa sofrer influências do modo de vida urbano, através do contato e da comunicação, Wirth afirma que sua mais pronunciada expressão será encontrada nas áreas das cidades, especialmente nas cidades metropolitanas. Referido autor diz que, sob o ponto

de vista sociológico, a cidade é definida como a fixação relativamente grande, densa e permanente de indivíduos socialmente heterogêneos.

Pelo que expõe Wirth (1938), é possível inferir que o fenômeno da urbanização significa o processo de crescimento populacional nas cidades, em detrimento das zonas rurais, devendo ser levados em conta os aspectos do tamanho, densidade, permanência e heterogeneidade social de sua população, bem como o modo de vida que é característico da cidade, para sua conceituação. População urbana é aquela que habita em cidades, em contraste com população rural, que, evidentemente, está fixada em áreas rurais.

Zadrozny (1959), Professor Assistente da Universidade de Wisconsin, define urbanização como o processo através do qual uma sociedade muda de um modo de vida rural para um urbano e como um gradual incremento da proporção de pessoas que vivem em áreas urbanas.

Gould e Kolb (1965), em "A Dictionary of the Social Sciences", compilado sob os auspícios da UNESCO, definem urbanização em termos do processo de concentração populacional, em que a proporção da população urbana na população total de um território aumenta. Segundo os mesmos autores, urbanização, numa definição ecológica da função de dominância das cidades, pode denotar uma difusão da influência de centros urbanos para o interior rural. Para os demógrafos, o termo significa um processo de concentração populacional. Citam, finalmente, a definição de Tisdale, segundo a qual urbanização é um processo de concentração populacional, que ocorre através de dois caminhos principais, a saber: a multiplicação de pontos de concentração e o incremento em tamanho de concentrações individuais.

Castells (1974) distingüe, inicialmente, dois conjuntos da conceituação para o termo urbanização: um, que o define como a concentração espacial da população a partir de uns determinados limites de dimensão e densidade; o outro, que vê urbanização como a difusão do sistema de valores,

atitudes e comportamentos que se resume sob a denominação de cultura urbana. O autor acrescenta que a problemática atual da urbanização gira em torno de três dados fundamentais, a saber: 1) a aceleração do ritmo de urbanização no conjunto do mundo; 2) a concentração desse crescimento urbano nas regiões chamadas subdesenvolvidas, sem a correspondência com o crescimento econômico que acompanhou a urbanização nos países capitalistas industriais; e 3) o aparecimento de novas formas urbanas e, em particular, de grandes metrópoles. Adiante, Castells conclui que o termo urbanização se refere, ao mesmo tempo, tanto à constituição de formas espaciais específicas das sociedades humanas — caracterizadas pela significativa concentração das atividades e população em um espaço restringido, como à existência e difusão de um sistema cultural particular, a cultura urbana.

Fairchild (1974) refere-se à urbanização como o processo de conversão em urbano; processos orientados para as zonas urbanas ou movimentos de população nesse sentido; e um incremento das zonas urbanas, da população urbana ou dos processos desse caráter.

O rápido processo de urbanização, que vem ocorrendo no mundo, segundo Bernardes (1975), está preocupando os estudiosos, na medida em que as conseqüências advindas significam grandes transformações para a humanidade.

Bernardes — que se diz interessado desde 1957 em estudos sobre o problema urbano no Brasil e fora dele — afirma que "... dentro de mais alguns anos, cerca de 80% da população de quase todos os países terão deixado o campo e estarão vivendo nas grandes cidades". (p. 14). Em análise particular sobre o Brasil, referido autor constata que, dentro de duas décadas, o País terá mais de 150 milhões de pessoas vivendo em cidades, o que equivalerá a duas vezes e meia a sua população, à época da publicação de seu estudo. Observa, ainda, que, no intervalo temporal compreendido entre 1940 e 1980, o Brasil teria sua população triplicada — passando de 41 para quase 120 milhões de habitantes. Enquan

to isso, sua população urbana passaria de 13 para 80 milhões de pessoas — o que significa que seria sextuplicada.

Algumas dessas afirmações de Bernardes, de fato, já ocorreram, como pode ser verificado na Tabela 1. A população total do Brasil, em 1980, atingiu a cifra de 119.098.992 habitantes, enquanto a urbana — com um correspondente de 80.479.195 habitantes, já representa um índice de 67,57% em relação à população total. Por sua vez, a população rural apresenta, pela primeira vez, ao se comparar os dados referentes a duas décadas consecutivas — 1970 e 1980, um decréscimo absoluto do número de habitantes, que diminuiu de 41.055.687, em 1970, para 38.619.797, em 1980. Acresça-se a isso que, atualmente, a população rural do Brasil — que em 1940 representava 68,76% da população total, em 1980 contribui apenas com 32,43%.

TABELA 1 - Evolução da População Brasileira, Segundo sua Distribuição em Total, Urbana e Rural, no período de 1940 a 1980.

População Ano	População Total (nº de hab.)	População Urbana		População Rural	
		(nº de hab.)	%	(nº de hab.)	%
1940	41.165.289	12.860.036	31,24	28.305.252	68,76
1950	51.941.767	18.782.142	36,16	33.159.624	63,84
1960	70.070.457	31.587.762	45,08	38.482.694	54,92
1970	93.139.037	52.083.349	55,92	41.055.687	44,08
1980	119.098.992	80.479.195	67,57	38.619.797	32,43

FONTE: IBGE (1981a); IBGE (1981b).

Prosseguindo, Bernardes (1975), ressaltando que o modelo de desenvolvimento escolhido pelo Brasil implica na concentração urbana, diz da urgente necessidade de o urbanista, o arquiteto e o psicólogo encontrarem "... fórmulas

que permitam uma concentração que não destrua a Natureza e — por extensão — não destrua o Homem".(p. 23).

Algumas considerações de Singer (1975) parecem oportunas para esclarecer as idéias sobre urbanização: "Quando se pensa em qualquer sociedade humana que tenha atingido o estágio da civilização urbana — em que a produção e/ou a captura de um excedente alimentar permite a uma parte da população viver aglomerada, dedicando-se a outras atividades que não a produção de alimentos — a divisão entre urbe e campo aparece claramente aos olhos" (p. 11). E, mais adiante, diz o seguinte: "... quando se pensa em urbanização numa sociedade que se industrializa, é preciso procurar pelo papel que as classes sociais desempenham nela, pois, em caso contrário, ela tende a ser tomada como um processo autônomo, fruto de mudança de atitudes e valores da população rural, perdendo-se de vista seu significado essencial para o conjunto da sociedade".(p. 28).

Assim, para que não se estabeleça uma possível influência da classe sócio-econômica, na presente pesquisa, convém que a amostra utilizada seja oriunda de uma única classe, no caso da classe média, considerada por Pinto (1964) como uma classe urbana por excelência.

Hauser (1976) afirma o seguinte: "O grau de urbanização de uma nação para fins demográficos é definido, geralmente, como a proporção da população que reside em sítios urbanos. A concepção demográfica de urbanização, entretanto, está ultrapassada por muitos outros usos do termo, nos quais a urbanização é reconhecida como um processo social que efetua grandes transformações na maneira de viver do homem" (p. 8). O autor alerta para a importância de se considerar outros fatores envolvidos na urbanização, tais como densidade demográfica e tamanho do território estudado.

Hauser (1976) afirma, ainda, que, na prática, numerosos estudos internacionais comparativos têm denominado de populações urbanas as que estão fixadas em locais de 20.000 (vinte mil) habitantes ou mais, uma vez que os dados dispo-

níveis são nessa base e por uma aglomeração desse porte não apresentar, possivelmente, características rurais. Importante citar a seguinte colocação de Hauser: "Por razões de conviência, em especial nos estudos estatísticos, os termos "urbano" e "urbanização" são considerados, usualmente, apenas no sentido demográfico, referindo-se às aglomerações de determinado tamanho ou à proporção de uma população global, que vive em locais de determinado tamanho". (p. 8).

As colocações dos autores ora estudados levam a crer na fundamental importância que a urbanização assume em nosso mundo atual. As observações feitas desde Wirth (1938) até os textos mais recentes evidenciam o quão complexo é o processo referente à urbanização e quão presente ela se apresenta em todo o mundo. O acelerado ritmo que lhe é característico está a exigir, como bem o afirma Bernardes(1975), a atenção do urbanista, do arquiteto e do psicólogo.

Por outro lado, para efeito desta pesquisa e de acordo com a análise estabelecida dos estudos sobre o termo, a urbanização será aqui considerada como a proporção da concentração populacional urbana, com relação a uma determinada população global, estabelecida em locais de tamanho e área pré-estabelecidos geograficamente.

Convém ressaltar que esta conceituação não despreza as variáveis aludidas pelos estudiosos do assunto. Apenas, por exigência científica, houve por bem estabelecer uma definição que possibilitasse sua operacionalização para a presente pesquisa.

Existem estatísticas oficiais (IBGE 1981c), resultantes do recenseamento realizado pelo IBGE em 1980, que fornecem dados sobre a população urbana do Brasil, em termos de proporção em referência à população de cada território delimitado, inclusive por cada Município do País. Em se tratando de dados oficiais e recentemente coletados - 1980, parece oportuno, assim, considerá-los para a investigação ora elaborada.

5.2.2 - Urbanização e Solidão

Embora não se tenha conhecimento de trabalhos empíricos que abordem a relação existente entre urbanização e solidão, diversos estudiosos têm dispensado considerações teóricas sobre o assunto.

Assim, passa-se agora à exposição dos referidos estudos, visando a esclarecer o assunto, com o propósito de fundamentar o problema que ora está sendo investigado.

Urbanização como Característica da Vida Moderna

Inicialmente, convém salientar que a urbanização tem sido considerada como uma característica da vida moderna, sendo o homem moderno predominantemente urbano.

A propósito, Garcia Villegas (1971), numa perspectiva histórica, focalizando as características de personalidade do homem nas próximas décadas, afirma que a realidade atual apresenta mudanças e transformações. Constitui-se um período de transição, em que se revisam os valores e as tradições e surgem novas formas de verdade e de vida. Essas transformações provocam uma certa desorientação, que se expressa através de uma angústia com relação ao passado e uma ansiedade diante do futuro.

Garcia Villegas reporta-se ao fato de que, em outras épocas, como no mundo grego e no Renascimento, os homens também protagonizaram outra escalada diante de novos conhecimentos e novos mundos. Para a autora, cada época traz tanto os seus problemas como os recursos para resolvê-los. Tais recursos representam defesas reais das quais o organismo social dispõe para cada uma de suas crises.

Moustakas (1961) afirma que o homem moderno vive numa comunidade impessoal urbana ou suburbana, na qual ele se encontra com outros, não como pessoas reais, mas de acordo

com leis prescritas de conduta e modos prescritos de comportamento.

A vida moderna caracteriza-se pelo processo de urbanização, que está se desenvolvendo aceleradamente e produzindo cidades de incrível feiura e desolação (Becker, 1974). Como consequência, o autor menciona que se observa pouca vida pública, poucos festivais, feiras, etc., que eram tão característicos das sociedades tradicionais de menor escala, que favoreciam a reunião das pessoas em lugares comuns, em intervalos regulares.

Finalmente, é oportuno salientar que, de acordo com Bernardes (1975), um acelerado processo de urbanização vem ocorrendo atualmente no mundo, o que vem preocupando os estudiosos, na medida em que as consequências advindas significam grandes transformações para a humanidade.

Fica clara, assim, a estreita relação existente entre vida moderna ou atual e urbanização, a partir do que foi mencionado pelos autores ora citados, e, também, que as expressões homem moderno e homem urbano são muitas das vezes empregadas como tendo o mesmo significado, a saber, o habitante das cidades, o habitante urbano.

Características Gerais da Vida Rural e da Vida Urbana

Algumas características gerais sobre a vida rural, a vida urbana e comparações entre as mesmas têm sido formuladas por alguns estudiosos. Sua inclusão nesta dissertação por certo contribuirá para esclarecimentos sobre a temática de urbanização e solidão, no sentido de elucidar o significado real e a diferença entre esses dois modos de vida.

Inicialmente serão expostas as idéias dos autores sobre as características de cada um desses referidos modos de vida, para que, ao final, possa ser estabelecida uma comparação entre os mesmos.

A estrutura da vida urbana, de acordo com Wirth (1938), fornece a estreita convivência e o trabalho em comum de indivíduos que não têm laços sentimentais e emocionais entre si, o que, por sua vez, estimula um espírito de competição e mútua exploração.

Wirth observa, outrossim, que as cidades em geral e as americanas em particular compreendem mistura de povos e culturas de modos de vida altamente diferenciados, existindo, muitas vezes, entre eles, somente a mais fraca comunicação e a maior indiferença. O resultado disso é que, considerando-se que idade, sexo, raça e origem étnica se associam a outros fatores como a ocupação e o interesse, torna-se claro que um dos mais marcantes traços do habitante da cidade é a sua dessemelhança de seus companheiros.

Por sua vez, Moustakas (1961) afirma que o homem moderno trabalha em uma sociedade mecanizada, na qual primariamente é um consumidor separado em qualquer direção e contato pessoal com a criação. Além disso, avanços em produção, desenvolvimento de instrumentos mecânicos e automáticos, troca de vida rural por urbana e ênfase na execução de serviços indispensáveis, fazem com que, como afirma Moustakas, o homem esteja se tornando crescentemente competitivo, explorativo, consciente do status e suspeito de seus vizinhos.

Ainda sobre as características da vida urbana, Hauser (1976) coloca que cidades de grande tamanho e alta densidade abrigam populações que estão aptas a serem heterogêneas, na medida em que incluem pessoas da maior extensão e diversidade de antecedentes, atitudes e comportamentos. Em consequência, a pessoa é, então, submetida a uma variedade mais ampla de modos de pensar e agir.

Para se ter uma idéia da magnitude da revolução urbana por que passa o mundo atual, Ellison (1980) afirma que, entre 1900 e 1970, a população do mundo dobrou, enquanto a população urbana sextuplicou. Ellison alerta para a necessidade de se levar em conta esta constatação e a consequência que lhe é inerente, de que o mundo inteiro está atravessan-

do uma revolução que afetará profundamente as relações humanas, de vez que, segundo o referido autor, o que há de mais óbvio em relação às cidades é que elas abrigam multidões, mas confinam os indivíduos. Finalmente, Ellison coloca que a disposição física das áreas comerciais urbanas é um fator contribuinte para o isolamento urbano. Diz: "A urbanização, o individualismo e o valor comercial/industrial da eficiência deram como resultado projetos residenciais e comerciais que são financeiramente rentáveis, mas socialmente, um fracasso". (p. 99).

Para Gordon (1976), nos ambientes rurais, mesmo nos dos países mais adiantados, existe um senso de comunidade tão forte que as pessoas têm a sensação de pertencer àquelas comunidades. O homem das cidades menores e de suas vizinhanças urbanas levam um ritmo de vida mais calmo. Enquanto isso, o homem das grandes cidades, apesar de viver numa era de abertura, de possibilidades inúmeras, de participação, de comunicação de massa, de liberação dos conceitos de família como célula-mater da sociedade, foi levado ao individualismo pelo complexo aparato das megalópoles e pelo ritmo febricitante que dele se originou.

As opiniões dos autores consultados deixam evidência do que existem claras diferenças entre o modo de vida urbano e rural. Contrastes tais como um senso de comunidade nos ambientes rurais (Gordon, 1976) e as cidades abrigando multidões e confinando indivíduos (Ellison, 1980) foram registrados, apenas a título de exemplificação de como se diferenciam esses dois modos de vida.

Relacionamentos Interpessoais no Meio Rural e no Meio Urbano

Autores têm discorrido sobre características dos relacionamentos que são mantidos no ambiente rural e em cidades pequenas, bem como aqueles que se fazem presentes no

meio urbano.

Wirth (1938), em considerações sobre as conseqüências advindas da convivência urbana, afirma que as comunidades que contam com mais de algumas centenas de habitantes limitam forçosamente a possibilidade de que cada um de seus membros venha a conhecer pessoalmente todos os outros. Isso significa que há carência de conhecimento pessoal mútuo entre os habitantes, conhecimento esse que é ordinariamente inerente a uma vizinhança. O resultado disso é a segmentação de relações humanas, que Wirth considera uma possível explicação para o que denomina de caráter "esquizoide" da personalidade urbana. Para Wirth, os contatos secundários são, em última instância, característica da cidade — contatos impessoais, superficiais, transitórios e segmentários. Ademais, a superficialidade, o anonimato e o caráter transitório das relações urbano-sociais fazem com que se tornem compreensíveis a sofisticação e a racionalidade que são geralmente atribuídas aos habitantes da cidade.

O homem moderno, de acordo com o pensamento de Moustakas (1961), tem sido agudamente cortado de grupos primários e de seus laços familiares e de parentesco. Sem laços afetivos intensos, que têm significado genuíno, o homem moderno mantém, então, um anonimato essencial na sociedade e em sua comunidade. A maioria de suas interações sociais se dá mais entre figuras superficiais do que entre pessoas reais. O homem moderno vive, assim, sem um mundo pessoal, no qual existiriam laços significativos.

Ledrut (1971) afirma que "A cidade pequena é, sem dúvida, mais propícia ao estabelecimento de relações pessoais que a Megalópolis". (p. 170). Adverte, contudo, para que não se simplifique demais a referida afirmação, uma vez que, na pequena cidade de província, os contatos sociais nem sempre são de grande intimidade, o que também pode ocorrer nos bairros e nas aldeias.

Parece oportuno interromper a exposição do trabalho de Ledrut, para comentar que a sua análise é feita em rela-

ção à realidade francesa, constatação que pode ser facilmente verificada, quando de sua citação de termos tais como aldeias e burgos, que não possuem equivalentes exatos para a realidade brasileira.

Há que se verificar, outrossim, ser pensamento de Ledrut que existe uma propensão maior da cidade pequena para o estabelecimento de relações pessoais, embora isso não possa ser considerado como regra geral.

Ledrut (1971) trata também das características de relacionamentos interpessoais mantidos no meio urbano. Assegura a existência de diversos tipos de personalidades urbanas, que para ele correspondem à visão de mundos diferentes, ou seja, de urbanismos*, que incluem diferentes sistemas de valores. Coloca em questão a existência de um só tipo de personalidade urbana, que se mantenha única por muito tempo, bem como a possibilidade de modificação, de alguma maneira, da cultura urbana.

Com respeito às características de relacionamentos interpessoais urbanos, afirma Ledrut (1971): "Nada autoriza a dizer que, em todas as cidades ou em razão de seu tamanho, os contatos humanos sejam mais limitados, mais pobres, mais mecânicos, mais impessoais. Se, na Megalópole ou nas cidades que se aproximam mais ou menos de seu tipo, as bases sociais da personalidade são reduzidas e as relações sociais empobrecidas, nenhum dado sólido nos obriga a admitir que se trata aí de uma regra geral e inescapável, bem ao contrário. Somos portanto levados a considerar estruturas diversas de vida social num meio urbano. Elas exercem influências muito diferentes sobre o homem". (p. 171). O referido autor afirma, ainda, ser o homem que habita uma cidade, que não possui algum tipo de urbanismo, cada vez mais dependente e isolado.

(*) Urbanismo, para Ledrut, significa a forma espontânea que uma cidade toma, como também a organização consciente e calculada de uma coletividade urbana.

Pode-se observar, desta forma, que Ledrut condiciona a qualidade do contato humano nas cidades ao tipo de urbanismo que nela exista, se favorável ou não à sua manutenção e profundidade. Destaque-se que ele afirma não ser regra geral que os contatos humanos nas cidades sejam mais limitados, pobres, mecânicos e impessoais, de vez que os mesmos, como já comentado, decorreram, isso sim, do modo de vida característico da cidade, embora Ledrut reconheça que, sem um urbanismo, o habitante urbano tenda à dependência e ao isolamento.

Em texto que denominou de "The Geography of Loneliness", Gordon (1976) afirma que o homem das cidades menores e de suas vizinhanças urbanas, onde os contatos pessoais são mais íntimos e frequentes, é uma pessoa mais gregária, menos exclusivista. Nessas localidades urbanas menores, o homem tem mais oportunidade de afirmar-se como pessoa, através de contatos diários mais constantes com os demais componentes de sua comunidade.

Prosseguindo, Gordon expõe, ainda, que apesar de toda a gama de possibilidades das grandes cidades e da necessidade de contato pessoal, há poucos lugares onde o calor humano pode ser encontrado espontaneamente ou de outra maneira qualquer. Parece-lhe que, na grande corrida em busca da liberdade, o homem perdeu sua habilidade de ser livre em grupo.

Fenômeno muito característico e comum na vida urbana, a mobilidade das populações, para Gordon (1976), em muito contribui para a erosão dos contatos pessoais. Com a necessidade de sobrevivência, as pessoas são freqüentemente obrigadas a mudar de residência e, com isso, perdem os laços de família, de amizade, e até perdem a si próprias, apesar de toda a tecnologia de comunicação de que dispõem. Assim, o fenômeno da mobilidade mudou o sentido de vizinhança, de familiaridade e o isolamento da família e dos amigos provoca uma apatia.

Ellison (1978), em consonância com este pensamento de Gordon, coloca que mudanças de residência não somente fazem perder amizades, que tenham sido estabelecidas, como também dificultam, imensamente, o estabelecimento de relações íntimas, desenvolvidas com o tempo.

Os contatos de grupos primários, de acordo com Hauser (1976), são característicos da comunidade pequena, tendendo a ser "... face a face, cordiais, de pessoas que se deparam e exercem ação mútua, virtualmente, em todas as esferas de atividades. Neste quadro, as relações pessoais inclinam-se a ser baseadas no relativo conhecimento completo da outra pessoa — no sentimento e na emoção". (p. 19).

Analisando as características da cidade influenciando no comportamento humano, Hauser (1976) discorre sobre idéias, a partir do pensamento de Wirth (1938), concernente ao número, densidade de estabelecimento e grau de heterogeneidade da população urbana, relacionados a características da vida urbana. Dentro dessa linha de abordagem, Hauser afirma que os contatos, no caso de cidades com população grande e de alta densidade, tendem a ser secundários, fracionários e utilitários, antes de primários, integrais e sentimentais.

Ainda no trabalho de Hauser pode-se detectar a seguinte afirmação: "... em grandes agrupamentos de população de alta densidade, que se constituem essencialmente por uma aglutinação de comunidades separadas e distintas, sem interação, o comportamento humano pode ser ainda, em grande parte, o produto do grupo primário. Na cidade, apesar de a heterogeneidade está presente, é igualmente possível a restrição dos contatos ao seu próprio grupo cultural, em vários graus, até quase o completo isolamento". (ps. 21-22).

Com respeito à urbanização, Ellison (1978) afirma que, ao mesmo tempo em que mais pessoas estão vivendo fisicamente mais intimamente juntas do que nunca antes, elas parecem estar mais isoladas interpessoalmente.

Middlebrook [(1974) e Mehrabian (1976); apud Ellison,

1978)] sugerem, outrossim, que as pessoas mantêm uma grande distância social entre si por privacidade e segurança em envolvimentos apinhados. Sobre esse assunto, a teoria de compensação de Argyle e Dean (1965, apud Ellison, 1978) propõe que a violação de fronteiras íntimas numa esfera pode conduzir a distanciamento compensatório em outras esferas. E, ainda, Simmel (1962) aponta o anonimato como característica do envolvimento urbano. Por um lado, isso faz com que as pessoas se sintam diretamente mais isoladas; por outro, isso introduz a suspeita e relutância para interagir, porque uma pessoa não conhece a outra pessoa e que intenções possa ter. Além disso, o morador urbano tem frequentemente sido amputado de seus grupos de ligação primária e mora sozinho.

Outro fator apontado por Ellison (1978) é a sobrecarga de estímulos da sociedade atual, que dificulta a disponibilidade de tempo que possa ser dirigido para as relações sociais. Complementando essa afirmativa, Ellison (1980) menciona que as cidades são lugares onde há também atividade e barulho concentrados. Diante dessa realidade, os habitantes das cidades, para suportar a simples presença de pessoas, barulhos e outras coisas que estão sempre acontecendo em sua vida cotidiana, procuram filtrar os estímulos externos. Em consequência, passam a dar mais valor à privacidade e ao anonimato, tendem a cortar toda comunicação e evitam até a troca de olhares. No entanto, quando se atribui uma importância exagerada à privacidade, torna-se difícil o estabelecimento de relações íntimas. "Caem na arapuca emocional que consiste em querer ficar isolados dos outros, ao mesmo tempo que precisam deles para preencher o vazio que existe em suas vidas". (p. 98). Sobre o assunto, Ellison lembra que todos os estudos feitos sobre animais agrupados em grande quantidade concluíram que isso os leva a um arraso físico, social e emocional. Esse processo, entre os seres humanos, parece aumentar, segundo Ellison, a ansiedade, o stress e a hostilidade para com os outros, de vez que é sentido como uma perda de controle pessoal.

A falta de um consenso de valores, entre os habitantes de uma área metropolitana, bem como a diversidade de valores renascentes, são considerados por Ellison (1978) como contribuintes para a desconfiança e o isolamento em níveis fundamentais da comunicação social. O resultado é uma maior liberdade de ação, dado o pluralismo de valores, mas relações emocionalmente satisfatórias tornam-se cada vez mais difíceis, tendo em vista que os valores são extremamente divergentes.

Em suma, os relacionamentos interpessoais mantidos no ambiente rural e em localidades urbanas pequenas foram caracterizados como contatos primários, relacionamentos pessoais, havendo uma maior constância desses contatos, que, como afirma Hauser (1976), tendem a ser face a face. Observa-se que a opinião dos estudiosos citados é de que as relações interpessoais no ambiente rural e em localidades menos urbanizadas contêm um forte componente emocional e afetivo e são caracterizados pela intimidade entre seus membros e por um maior conhecimento pessoal mútuo.

Constata-se, outrossim, que os relacionamentos interpessoais urbanos e particularmente os das grandes cidades e metrópoles são caracterizados pelos autores, de um modo geral, pela carência de conhecimento pessoal mútuo; por contatos secundários — superficiais, transitórios e segmentares; pela carência de laços afetivos intensos. De um modo geral, o cidadão urbano é considerado, pelos estudiosos ora citados, como cortado de seus grupos primários e de seus laços familiares e de parentesco. Como pode ser observado no dizer de Ledrut (1971), embora não seja regra geral, as cidades tendem a produzir relações empobrecidas.

Outro aspecto ressaltado pelos autores, como presente no ambiente urbano, é a total ou quase total ausência de vida de vizinhança e de bairro (Becker, 1974; Gordon, 1976), em grande parte decorrente das constantes mudanças de residência que ocorrem nas cidades, daí resultando em perdas de amizades estabelecidas e na dificuldade em manter relações íntimas que crescem com o tempo (Ellison, 1978).

Em resumo, o que se pode concluir sobre as características de relacionamentos interpessoais urbanos, a partir das colocações dos autores consultados, é que eles são em geral menos profundos, emocionais e sentimentais do que os rurais; são essencialmente mais tendentes a se caracterizarem por contatos secundários do que por contatos primários, esses últimos correspondentes ao meio rural.

A Influência do Processo de Urbanização sobre a Solidão

Faz-se de fundamental importância, agora, enfocar o que tem sido mencionado, no plano conceitual, a propósito do fenômeno da solidão como sendo influenciado pelo processo de urbanização, tendo em vista as características gerais da vida urbana e, mais particularmente, os relacionamentos interpessoais que lhe são inerentes.

É oportuno ressaltar, conforme mencionado em seção anterior, que a dificuldade de estabelecer relacionamentos interpessoais satisfatórios foi considerada pelos estudiosos como um dos elementos para a definição de solidão.

Após discorrer sobre as influências da cidade no comportamento humano, Wirth (1938), em pensamento conclusivo, condensa que o estreito contato físico, mantido sob grande distância social — que caracteriza a vida urbana, acentua a reserva entre indivíduos desagregados uns dos outros, o que origina a solidão, a não ser que seja compensado por outras oportunidades de reação.

O homem moderno, segundo Moustakas (1961), agudamente cortado de seus grupos primários e de laços familiares e de parentesco, experiencia o medo da solidão como um problema agudo atual, na medida em que o homem tem perdido o seu mundo e sua experiência de vizinhança e de vida comunitária. O homem vivencia, então, um sentimento de alienação do mundo e sofre de um sentimento corrosivo de isolamento.

A condição primária para a solidão nas sociedades modernas é a separação do self de outros e da natureza (Moustakas, 1961). Os encontros-tristes, fingidos, com pretextos e superficiais — e a falta de encontrar contato humano genuíno resultam muitas vezes em medo e pavor de solidão. Para Moustakas, os cidadãos mais velhos na sociedade americana são particularmente afetados pelas mudanças sociais e culturais e pela separação, urbanização, alienação e automação na vida moderna. Nesse conjunto, não há mais lugar para a velhice, nenhum sentimento de pertencer orgânico, nenhuma reverência, respeito ou consideração pela sabedoria e talento dos anciãos, fazendo com que eles muitas vezes tenham sentimento de inutilidade e experienciem a vida como totalmente fútil. Tornam-se, assim, um solo fértil para a solidão.

Concluindo, Moustakas afirma que o homem moderno está contaminado por um medo difuso e vago de solidão. Considera que talvez o mais terrível tipo de solidão seja aquele correspondente a uma existência sem significado, a ausência de valores, convicções, crenças e o medo do isolamento.

A falta de objetivo e significado de vida e o sentimento de isolamento são duas outras dimensões ressaltadas pelos estudiosos para a definição do fenômeno da solidão, conforme foi amplamente discorrido na seção concernente à conceituação e definição de solidão.

Garcia Villegas (1971) se refere à solidão como uma das conseqüências das mudanças sociais, inerentes a período de transição, como o da vida moderna, assim como já se fazia presente no mundo grego e no Renascimento.

Em relação à época atual, Garcia Villegas afirma que os jovens são pessoas que apresentam uma necessidade de conhecimento de si próprio bastante acentuada, segundo material obtido em orientação profissional no "Instituto Nacional de Psicologia de Madrid", com jovens de ambos os sexos, alguns dos quais já tendo inclusive curso superior. A solidão surge como uma das projeções mais freqüentes em testes como o Rorschach e o TAT, junto a outras tais como bloqueio

no contato social e insegurança. A autora afirma que as formas de vida atual desguarnecem os jovens de valores estáveis, de experiências afetivo-sociais, de imagens válidas acerca de si próprios, que pudessem fazer com que se situassem com segurança entre os outros.

A inclusão do texto de Garcia Villegas, neste tópico, embora não aborde diretamente a relação entre urbanização e solidão, justifica-se pela relação que existe entre a caracterização da personalidade do homem atual e o fenômeno da urbanização, dada a influência da segunda sobre a primeira, conforme discursos de vários estudiosos aqui citados, e de aspectos enfocados, tais como a instabilidade de valores e a insegurança, que se fazem presentes no mundo atual. Além do mais, trata-se de estudo realizado na Espanha, que, por se tratar de país de cultura latina, apresenta características mais similares à realidade brasileira, do que a norte-americana, origem da maioria dos materiais existentes sobre o assunto ora tratado.

Para Ledrut (1971), caso o urbanismo não esteja realmente voltado para o ser humano, favorecendo relacionamentos pessoais, o homem que habita a cidade maior ou a megalópole estará fadado ao isolamento, condição intimamente relacionada à solidão.

A vida moderna é considerada por Becker (1974) como particularmente caracterizada pela solidão sócio-ambiental, causada por meios de vida que separam as pessoas umas das outras. A influência da vida moderna sobre a solidão se dá pela abolição da vida de vizinhança e de bairro, sendo também uma característica da liberdade moderna e do processo de urbanização.

Gordon (1976) refere-se à solidão de massa como resultante de todo o processo de urbanização, que se evidencia na época atual. A solidão de massa é, também, uma indicação de que as coisas estão drasticamente fora do lugar a nível social. Nesse sentido, quando o social se diferencia

do psicológico, uma experiência individual torna-se uma perturbação coletiva. Assim, a solidão pode ser encarada como um problema social, na medida em que, pelo menos em parte, deriva do próprio funcionamento da estrutura da sociedade.

Ellison (1978) aponta a urbanização como uma condição sociológica para o estabelecimento da solidão. Refere, outrossim, que a urbanização faz parte do cenário para uma socialização comum e experiências de vida que fomentam a solidão, que apresenta prevalência em massa na América. Para Ellison, apesar da solidão que se estabelece nessas condições não necessitar ser crônica, para que a extensão dessas condições se torne internalizada ou que venha a ser uma tradição aceita, tende a se apresentar como tal. Com relação à urbanização, o referido autor afirma que, ao mesmo tempo em que mais pessoas estão vivendo fisicamente mais intimamente juntas do que nunca antes, elas parecem estar mais isoladas interpessoalmente.

Por fim, em outro trabalho, Ellison (1980) reafirma que a solidão está relacionada às carências dos habitantes dos centros urbanos e informa sobre o surgimento de novas formas de comunidade em zonas urbanas dos Estados Unidos, que têm como objetivo evitar o isolamento entre as pessoas. Visam a incentivar as relações sociais positivas, prevenindo, assim, o surgimento da solidão, tão característica do homem urbano moderno.

Sobre este material bibliográfico, cuja consulta fez-se acessível à pesquisadora e que ora é comentado, referente à relação entre urbanização e solidão, há que se dedicar análise detalhada, com vistas a delimitar o problema em estudo.

Os autores reconhecem que a vida urbana tende a diminuir os contatos primários entre seus habitantes, substituindo-os por contatos secundários, impessoais, pela dessemelhança e isolamento entre si. Ao lado disso, o meio rural parece favorecer a manutenção dos contatos primários, mediante o conhecimento mútuo entre todos os seus componentes,

a prática da boa vizinhança e da convivência de bairro, relacionamentos com base emocional e sentimental, enfim, uma vida mais gregária, mais cooperativa, mais caracterizada por relacionamentos íntimos entre os habitantes do meio rural e de cidades pequenas — ou seja, com um grau menos elevado de urbanização.

A convivência humana genuína — essencial para a sobrevivência individual e coletiva — paulatinamente está dando lugar a um amontoado de pessoas que, mesmo vivendo fisicamente mais próximas nas cidades do que no meio rural, vivem isoladas umas das outras, e, em nome de preservar uma privacidade, passam a restringir o seu âmbito de convivência humana, gerando, outrossim, uma distância social.

É igualmente pensamento de estudiosos que a vida urbana permite a seus componentes, em média, a possibilidade de manter mais contatos pessoais, dado o número de habitantes que abriga, em relação ao meio rural. No entanto, a quantidade parece prevalecer sobre a qualidade e a superficialidade torna-se a característica mais frequente desses contatos.

Percebe-se, outrossim, como que "um grito de alerta" entre os estudiosos, diante do incontornável processo de urbanização a que todo o mundo está submetido e mesmo o Brasil (Bernardes, 1975), onde as cifras apontam mudanças por demais assustadoras, segundo as quais, além de sua população urbana já haver ultrapassado a equivalente rural, isso se dá de modo desenfreado, observando-se um real esvaziamento das zonas rurais e uma concomitante "inchação" dos espaços urbanos.

Todo esse quadro, traçado por estudiosos, aponta claramente uma consequência do processo de urbanização: a solidão. Como bem o colocou Wirth (1938), o freqüente e estreito contato físico, mantido sobre grande distância social e que é característico da vida urbana, acentua a reserva entre indivíduos desagregados uns dos outros, o que origina a

solidão, a não ser que seja compensado por outras oportunidades de reação.

Hã que se enfatizar, por oportuno, que todo o material situa-se no plano racional, não tendo sido encontrada qualquer referência de estudo empírico, que aborde os efeitos da urbanização sobre a solidão. Isso se faz lamentável, na medida em que tal abordagem, por certo, forneceria dados mais exatos sobre o assunto, permitindo, então, conclusões mais precisas para efeito de pesquisas.

Referidas colocações teóricas, que se apresentam lógicas e mantêm uma total unanimidade entre os autores, conduzem a uma solução para o problema, no sentido de que quanto mais elevado o grau de urbanização, maior a prevalência de solidão verificada entre os habitantes da cidade estudada.

Convém salientar, contudo, que essa hipótese é decorrente, tão somente, de fundamentos teóricos, exigindo, assim, sua averiguação a nível empírico.

Desta forma, parece indispensável o desenvolvimento de uma pesquisa empírica, que venha a permitir a investigação da hipótese teórica concernente à relação entre urbanização e solidão.

Sua execução justifica-se mais ainda pela sua inexistência, particularmente em relação ao Brasil e, por certo, fornecerá esclarecimentos, do ponto de vista científico, para dois problemas atuais — a urbanização e a solidão, que vêm atingindo tantos seres humanos em todo o mundo.

CAPÍTULO II - ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO DA "REVISED UCLA LONELINESS SCALE"

Já foi amplamente discutida, em seção anterior, a necessidade de se utilizar instrumentos de medida fidedignos no estudo da solidão, ao mesmo tempo em que ficou constatada sua escassez, inadequação, pouca divulgação e utilização dos mesmos.

A situação parece ser ainda mais grave, no que se refere ao Brasil, visto que, ao que se sabe, ainda não existia qualquer instrumento de medida de solidão aqui validado, mesmo diante de sua fundamental importância para o desenvolvimento de pesquisas empíricas na área. Assim, tornou-se imprescindível a tradução, adaptação e validação de uma escala de solidão para uma população brasileira (Pinheiro & Tamyayo, 1982).

Numa primeira etapa, será feita a apresentação do instrumento original — a "Revised UCLA Loneliness Scale", passando-se, em seguida, à descrição do processo de adaptação e validação efetuado.

1. Apresentação da "Revised UCLA Loneliness Scale"

O instrumento escolhido foi a "Revised UCLA Loneliness Scale" (Russell, Peplau & Fergusson, 1978; Russell, Peplau & Cutrona, 1980), desenvolvida na "University of California - Los Angeles" - UCLA. Trata-se de uma escala do tipo Likert, composta de 20 (vinte) itens curtos, com um contínuo de respostas de 04 (quatro) pontos, sendo o escore obtido pela soma simples dos valores obtidos em cada item, processada a reversão dos escores dos itens de direção oposta. (Anexo I)

A seleção dos itens foi feita pelos autores a partir de uma correlação com um índice de solidão, cujo coeficiente alfa foi de 0,78. Esse índice foi obtido através de auto-descrições do sujeito. A escala de solidão resultou da escolha dos itens que apresentaram correlações mais altas com o referido índice, todas superiores a 0,40.

A validação concorrente da escala foi estabelecida pelo exame da relação entre os escores de solidão e: a) medidas de estados emocionais — ansiedade e depressão, obtidas através do "Beck Depression Inventory" e das "Castello-Comrey Anxiety and Depression Scales"; b) escores obtidos pelos sujeitos, a partir de auto-classificação num conjunto de 25 (vinte e cinco) emoções, entre as quais constavam emoções consideradas conceitualmente ligadas à solidão (Russell, Peplau & Ferguson, 1978; Weiss, 1973) e outras consideradas não relacionadas; c) medidas de atividades e relacionamentos sociais.

A validação discriminante da escala foi feita através do exame da relação entre os escores de solidão e medidas de humor e personalidade, visando a evidenciar que solidão, medida através da "Revised UCLA Loneliness Scale", é discriminada de outros construtos conceitualmente relacionados.

Duas amostras foram utilizadas, uma constando de 162 sujeitos e a outra com 237, totalizando 399 estudantes da UCLA.

Os resultados indicaram correlações significativas entre os escores de solidão e os obtidos no "Beck Depression Inventory" ($\gamma = 0,62$) e nas "Castello-Comrey Anxiety ($\gamma = 0,32$) and Depression ($\gamma = 0,55$) Scales". Os autores encontraram igualmente correlações significativas (todas superiores a 0,40) exclusivamente entre as emoções consideradas conceitualmente ligadas à solidão e os escores da escala de solidão. Finalmente, os sujeitos solitários reportaram relacionamentos e atividades sociais mais limitados do que os não solitários. As correlações entre os escores de solidão

e os indicadores de relações sociais foram todas significativas ($p < 0,001$).

Quanto à validação discriminante, o tratamento estatístico evidenciou que os escores de solidão foram mais altamente correlacionados com outras medidas de solidão do que com as medidas de variáveis de humor e personalidade examinadas.

A análise do processo de validação da "Revised UCLA Loneliness Scale", pela obtenção de resultados altamente significativos, determinou a sua escolha para adaptação e validação para uma população brasileira.

2. Adaptação e Validação do Instrumento

2.1 - Tradução

O processo utilizado foi o de tradução e retradução dos itens. Para isso, foram solicitadas, de início, traduções independentes para o Português a três pessoas, tendo como língua materna o Português e com conhecimento aprofundado do Inglês. Recomendou-se que tais versões se adaptassem ao contexto brasileiro e, na medida do possível, fossem literais, desde que expressassem fielmente a idéia contida em cada item original da "Revised UCLA Loneliness Scale".

Sete itens tiveram idêntica versão dos tradutores; dez obtiveram duas; e três itens receberam três versões diferentes, totalizando 36 (trinta e seis) versões, como pode ser observado no Anexo II.

Numa segunda etapa, visando a assegurar um maior controle da tradução, foi feita uma retradução para o Inglês, por uma pessoa, tendo como língua materna o Inglês e com conhecimento aprofundado do Português. A fim de evitar possíveis vieses, os itens foram, com anterioridade, randomicamente dispostos. Como resultado desse processo, foram eliminadas quatro versões (ver Anexo II), cuja retradução não correspondeu fielmente à idéia contida no item original da escala.

2.2 - Análise dos Itens

Duas análises dos itens foram estabelecidas, sendo uma semântica e outra estatística.

O objetivo da análise semântica foi verificar a compreensão e clareza dos itens, bem como das instruções para o preenchimento da escala. A amostra, oriunda da população-alvo, estudantes universitários, foi constituída de 06 (seis) sujeitos, de ambos os sexos, com idade variando de 18 a 24 anos. Foi efetuada uma aplicação coletiva do instrumento, após a qual os sujeitos foram solicitados a formular as observações que julgassem necessárias sobre o instrumento respondido.

Não foram registradas dificuldades com relação às instruções ou a qualquer vocábulo ou expressão utilizados nos itens. Ao contrário, os sujeitos ressaltaram ser o instrumento agradável de responder, a pequena dimensão da escala e a facilidade para preenchê-la.

A fim de verificar a homogeneidade dos itens, foi processado um exame de correlação item-total, utilizando o coeficiente de correlação de Pearson, com uma amostra de 290 sujeitos. Todos os coeficientes encontrados foram acima de 0,28, a um nível de significância de 0,001, como pode ser observado na Tabela 2.

TABELA 2: Coeficientes de Correlação Item-Total

r1t	0,44	r12t	0,59	r23t	0,68
r2t	0,28	r13t	0,43	r24t	0,54
r3t	0,42	r14t	0,66	r25t	0,61
r4t	0,51	r15t	0,61	r26t	0,59
r5t	0,67	r16t	0,53	r27t	0,50
r6t	0,52	r17t	0,63	r28t	0,66
r7t	0,48	r18t	0,50	r29t	0,58
r8t	0,61	r19t	0,61	r30t	0,70
r9t	0,62	r20t	0,52	r31t	0,64
r10t	0,52	r21t	0,50	r32t	0,56
r11t	0,36	r22t	0,52		

$p < 0,001$ para todas as correlações.

Diante dos resultados altamente significativos, foi estabelecida a seleção de 20 itens, que equivalessem ao instrumento original americano. Optou-se, no caso de itens que contavam com mais de uma tradução para a língua portuguesa, pelo que apresentava mais alta correlação. Ao final, obteve-se com esse procedimento uma escala, na qual todos os itens apresentaram um coeficiente igual ou superior a 0,41. Uma única versão para cada um dos itens da "Revised UCLA Loneliness Scale" foi conservada, sem repetição de itens equivalentes.

2.3 - Validação

Procurando replicar alguns dos elementos utilizados na validação da "Revised UCLA Loneliness Scale", três procedimentos foram efetuados no processo da validação da escala para sujeitos brasileiros:

a) Correlação dos Escores de Solidão com uma Escala de Medida de Ansiedade. A correlação existente entre solidão e ansiedade tem sido relatada em vários estudos (Sullivan, 1953; Moustakas, 1961; Lopata, 1969; Portnoff, 1976; May, 1978; Perlman, Gerson & Spinner, 1978; Gerson & Perlman, 1979; Ellison, 1980). O instrumento de medida escolhido foi o Inventário de Ansiedade Traço-Estado (Idate) de Spielberger (Spielberger, Gorsuch & Lushene, 1970), de vez que o mesmo já tem validação estabelecida no Brasil (Biaggio, Natalício & Spielberger, 1977).

b) Correlação entre Escores de Solidão e Índice de Solidão Auto-Reportada (ISAR). O ISAR foi constituído de 04 (quatro) itens, com um contínuo de respostas de 04 (quatro) pontos, destinados a avaliar a auto-classificação de solidão dos sujeitos. ISAR₃ e ISAR₄ corresponderam a 02 dos itens do índice de solidão auto-reportada utilizada na validação da escala americana. ISAR₁ e ISAR₂ foram elaborados e agregados para formar o conjunto.

São as seguintes as idéias correspondentes a cada item:

ISAR₁: auto-classificação, num contínuo de "pouquíssimo solitário" a "muitíssimo solitário";

ISAR₂: comparação com as pessoas em volta, entre "muito menos solitário" a "muito mais solitário";

ISAR₃: intensidade de solidão nas duas últimas semanas, de "nada solitário" a "extremamente solitário".

ISAR₄: frequência de solidão durante a vida, de "nunca" a "sempre".

c) Comparação das Médias dos Escores de Solidão dos Grupos Extremos no Contínuo Solitário-Sociável. A partir de uma auto-classificação dos sujeitos, foram formados grupos de sujeitos "Solitários" (Grupo 1), "Sociáveis" (Grupo 2) e "Intermediários" (Grupo 3), visando a uma comparação de seus escores.

A amostra para a validação da escala foi composta de 290 estudantes provenientes de cursos universitários públicos, situados nas cidades de Brasília (N=190), Fortaleza (N=44), Teresina (N=30) e Crato (N=26). A idade média foi de 21 anos e 10 meses e o desvio padrão de 3 anos e 10 meses, sendo 101 do sexo masculino e 189 do sexo feminino; 234 solteiros, 51 casados e 5 de outros estados civis. Quanto ao local de nascimento, foram registrados sujeitos oriundos de todas as regiões geo-políticas do Brasil, do Distrito Federal e de quase todos os Estados e Territórios.

Os instrumentos (Anexo III) foram aplicados coletivamente, em condições padronizadas, pela própria pesquisadora ou por auxiliares de pesquisa, devidamente treinados.

A correlação entre os escores obtidos na Escala de Solidão e na sub-escala de ansiedade traço de Idate foi de 0,43 ($p < 0,001$). A Tabela 3 mostra as correlações entre os

escores de solidão e o ISAR. Todos os resultados foram significativos a 0,001, sendo as correlações positivas e altamente satisfatórias.

TABELA 3: Correlações entre os Escores de Solidão e o Índice de Solidão Auto-Reportada (ISAR).

ISAR	Coefficiente de Correlação	P
1	0,60	0,001
2	0,48	0,001
3	0,48	0,001
4	0,47	0,001

Finalmente, os resultados revelaram que existem diferenças significativas, nos escores de solidão, entre o grupo dos solitários e dos sociáveis ($t(220) = 8,78; p < 0,000$), entre os solitários e os intermediários ($t(124)=4,90; p < 0,000$) e entre os sociáveis e os intermediários ($t(230)=3,52; p < 0,001$).

As médias e respectivos desvios padrões dos grupos de solitários, intermediários e sociáveis estão descritos na Tabela 4.

TABELA 4: Médias e Respectivos Desvios Padrões dos Grupos de Solitários, Intermediários e Sociáveis.

GRUPOS	\bar{X}	DP
Solitários	45,55	7,65
Intermediários	39,28	6,70
Sociáveis	35,67	7,26

Como pode ser observado, todos os resultados obtidos nos três procedimentos utilizados no processo de validação do instrumento apresentaram-se altamente significativos.

2.4 - Precisão

A análise da fidedignidade do instrumento foi processada através do coeficiente alfa, tendo-se obtido igual valor (0,90) tanto para o coeficiente alfa como para o alfa padrão. Assim, a precisão da Escala é altamente satisfatória.

2.5 - Conclusão

Pode-se concluir que a validade e a precisão da Escala UCLA de Solidão (Anexo IV) ficaram estabelecidos por vários procedimentos. Portanto, a escala pode ser utilizada, tanto para pesquisa como no âmbito da Psicologia aplicada.

CAPÍTULO III - METODOLOGIA

1. Objetivos da Pesquisa

Após a exposição da situação do problema ora investigado, com base na literatura pertinente ao assunto, passa-se, agora, à descrição da pesquisa empírica elaborada, com o relato de suas diferentes etapas metodológicas.

Antes disso, convém lembrar as dificuldades ressaltadas no tocante à falta de definição universal para o termo solidão, a escassez de medidas fidedignas para a sua pesquisa e a total inexistência de estudos científicos e medidas de solidão no Brasil.

Assim, oportuno se faz o tratamento do fenômeno da solidão sob bases científicas, em nosso País, de tal modo que pesquisas possam ter seu desenvolvimento incrementado, amparadas em metodologia fidedigna e capazes de gerar novos estudos.

É, pois, o objetivo primordial desta dissertação iniciar, no Brasil, o estudo científico do fenômeno da solidão, cuja importância já foi amplamente discutida.

São igualmente objetivos deste trabalho:

- a) investigar a possível relação existente entre o grau de urbanização da cidade residencial e a experiência da solidão;
- b) examinar a possível relação existente entre sexo e solidão;
- c) apresentar sugestões para possíveis pesquisas e/ou programas futuros concernentes à área.

2. Hipóteses

Três hipóteses foram formuladas, para averiguação, de acordo com a literatura consultada sobre o tema e os objetivos a que se propôs o estudo:

- H1. Quanto maior a taxa de urbanização da cidade residencial, maiores os escores de solidão apresentados pelos sujeitos.
- H2. Os escores de solidão apresentados pelos sujeitos não diferem significativamente, de acordo com o sexo.
- H3. Não há efeito de interação entre urbanização e sexo, sobre solidão, visto que este aumenta igualmente para homens e mulheres, na medida em que cresce a urbanização.

3. Variáveis

São as seguintes as variáveis utilizadas na pesquisa:

- a) Independentes: Taxa de Urbanização da Cidade Residencial e Sexo;
- b) Dependente: Solidão.

3.1 - Definições Operacionais

Solidão: reação emocional de insatisfação, decorrente da falta ou deficiência de relacionamento(s) significativo(s) de uma pessoa, que envolve algum tipo de sentimento de isolamento.

Taxa de Urbanização da Cidade Residencial: proporção da concentração populacional urbana com relação à população total do Município, no qual o sujeito mora há, pelo menos, um ano.

Para a escolha das cidades, foram observados alguns aspectos fundamentais, o que convém esclarecer. Além do controle da variável urbanismo, pelo critério de escolha das cidades que não tivessem sido planejadas e que apresentam crescimento típico, tomou-se o cuidado de uniformizar a Região, no caso, o Nordeste, de vez que cada Região brasileira apresenta características próprias e que refletem no modo de vida de seus habitantes. Ademais, fez-se necessário que as quatro cidades contassem com cursos universitários públicos oficiais em funcionamento, para evitar a inclusão na amostra de estudantes de universidades particulares, o que poderia resultar em variável interveniente, pois as suas respectivas populações podem apresentar características diversas, considerando o binômio ensino pago-ensino gratuito e as conseqüências naturalmente advindas de cada processo,

tais como população que pode ter acesso, critérios para seleção etc. Duas das cidades são litorâneas — Fortaleza e São Luís, e duas não litorâneas — Crato e Teresina.

A Tabela 5 fornece características sumárias sobre a urbanização de cada uma das cidades nas quais a pesquisa foi executada.

TABELA 5: Características de Urbanização das Cidades Utilizadas na Pesquisa.

Características Cidade	População(Hab)		Área (Km ²)	Densidade Demográfica (Hab/Km ²)	Taxa de Urbanização (%)
	Total	Urbana			
São Luís	449.877	247.622	518	868,49	55,04
Crato	80.796	58.354	1.026	78,75	72,22
Teresina	378.026	339.264	1.809	208,97	89,75
Fortaleza	1.308.919	1.308.919	336	3.895,59	100,00

FONTE: IBGE (1981c)

De acordo com a literatura consultada e visando a assegurar a maior fidedignidade possível aos resultados, foram controladas as seguintes variáveis, que se apresentaram como relevantes:

Urbanismo (o critério utilizado foi a escolha de cidades não planejadas e que apresentam um crescimento típico).

Classe sócio-econômica (controle feito mediante a uniformidade da amostra, pertencente a uma única classe sócio-econômica — classe média, com renda familiar mensal variando entre mais de cinco até vinte salários mínimos regionais).

Nível educacional (mediante a uniformidade da amostra, constituída de estudantes universitários).

Idade (os sujeitos da amostra tiveram sua faixa etária limitada entre 17 e 35 anos).

Mobilidade demográfica (controle estabelecido pelo critério de que os sujeitos morassem há, pelo menos, 01(um) ano na cidade residencial).

4. Delineamento

O delineamento utilizado foi do tipo 4 X 2, conforme pode ser verificado na Tabela 6.

TABELA 6: Delineamento (4x2) Utilizado

		SEXO		
		MASCULINO 1	FEMININO 2	
URBANIZAÇÃO				
	São Luís	A	50 (A1)	50 (A2)
	Crato	B	50 (B1)	50 (B2)
	Teresina	C	50 (C1)	50 (C2)
	Fortaleza	D	50 (D1)	50 (D2)

5. A Amostra

O detalhamento completo da amostra de sujeitos utilizada neste estudo encontra-se demonstrado no Anexo V.

Conforme pode ser observado, a amostra constou de 400 (quatrocentos) sujeitos de classe sócio-econômica média, estudantes, de ambos os sexos, provenientes de universidades públicas oficiais, distribuídos em 04 (quatro) grupos de 100 (cem), considerando a sua cidade residencial, a saber: Fortaleza (N = 100), Teresina (N = 100), Crato (N = 100) e São Luís (N = 100). Cada grupo foi constituído por 02 (dois) sub-grupos, de 50 (cinquenta) sujeitos, de acordo com o sexo. O intervalo de idade foi de 17 a 35 anos, com a idade média de 23 anos e 2 meses e desvio padrão de 4,07, sendo 298 solteiros, 97 casados e 5 de outros estados civis (74,5%; 24,3%; e 1,3%, respectivamente). Quanto ao local de nascimento, a grande maioria da amostra (93,3%) foi oriunda dos três Estados em que a pesquisa foi efetuada — Ceará (44,8%), Piauí (24,5%) e Maranhão (24,0%). Todos os sujeitos já residiam há pelo menos um ano na cidade em que foram submetidos ao estudo, tendo 87 (21,8%) entre 1 e 5 anos de residência e 313 (78,3%), 6 anos ou mais. 89,0% dos sujeitos residiam em casa; 96,5%, acompanhados. Quanto ao curso universitário, 46,8% estavam enquadrados na Área de Ciências e 52,8%, na de Humanidades.

Há que se acrescentar que a escolha da amostra obedeceu a um critério classificatório.

6. Medidas e Procedimentos

6.1 - Instrumentos de Medida Utilizados

Os instrumentos utilizados na presente pesquisa foram a Escala UCLA de Solidão (Pinheiro & Tamayo, 1982) e a Folha de Dados Pessoais (Anexo IV), através da qual foram solicitadas aos sujeitos as informações que se faziam necessárias para que os mesmos fossem classificados nas categorias trabalhadas.

A Escala UCLA de Solidão proporcionou os escores que foram utilizados como medida de solidão dos sujeitos.

6.2 - Procedimentos

Os instrumentos foram aplicados coletivamente — em turmas que tinham, em média, 25 (vinte e cinco) alunos. As aplicações foram padronizadas, mediante instruções idênticas utilizadas pela própria pesquisadora ou por auxiliares de pesquisa devidamente treinados. Há que se ressaltar, outrossim, o cuidado tido para que as circunstâncias de aplicação fossem adequadas, na medida em que não houvesse interferência de qualquer espécie, enquanto os sujeitos respondiam o questionário, bem como fosse o mesmo aplicado em horário normal de aula cedido pelo(a) professor(a) responsável. Além disso, foram observadas condições convenientes de iluminação e ventilação. Não foram registrados quaisquer tipos de problemas quanto ao procedimento.

7. Tratamento Estatístico Previsto

O tratamento estatístico previsto para os dados da pesquisa foi o de Análise de Variância (ANOVA), tendo em vista que o seu delineamento constitui-se de 04 (quatro) grupos de amostras. Caso F se constituísse significativo, previu-se a utilização do DHS de Tukey, a fim de verificar as diferenças entre pares de amostras.

CAPÍTULO IV - RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 7 mostra os resultados referentes à solidão, onde se observa que o escore médio para a amostra geral é de 37,76. Considerando que a variação de pontos da Escala UCLA de Solidão situa-se entre 20 e 80 pontos (quanto maior o escore, maior a solidão do sujeito) e o ponto médio da escala é 50, os sujeitos apresentaram, assim, um escore médio inferior ao ponto médio da escala, o que permite afirmar que o seu grau de solidão situa-se bem abaixo da média esperada ($t_{(399)} = 30,48; p < 0,000$).

TABELA 7: Média e Desvio Padrão de Solidão por Sexo e Urbanização (N=400)

Estatísticas	Urbanização				Sexo		Total
	S. Luís	Crato	Teresina	Fortaleza	Masc.	Fem.	
\bar{X}	38,52	36,62	38,81	37,10	37,87	37,65	37,76
DP	8,29	8,40	7,68	7,60	7,83	8,23	8,02

A Análise de Variância (ANOVA) dos escores de solidão não apresentou efeito principal, a nível de qualquer das duas variáveis independentes, nem de interação sexo x urbanização.

Com referência à variável sexo, os resultados obtidos suportaram a Hipótese formulada, que afirmava que os escores de solidão apresentados pelos sujeitos não diferem significativamente de acordo com o sexo.

Esses resultados concordam, desta forma, com as conclusões das pesquisas empíricas de Loucks (1974), Mishara (1975), Russell, Peplau e Ferguson (1978), Loucks (1980), Russell, Peplau e Cutrona (1980 - Estudo II) e Solano (1980). Além disso, suportam a colocação teórica de Gordon (1976), segundo a qual não existe distinção quantitativa entre os sexos, no que concerne à experiência de solidão. Levando-se ainda em conta ser a solidão considerada por vários estudos como fenômeno universal (Burton, 1961; Bradley, 1970; Ellison, 1980; e Loucks, 1980), quase universal (D'Aboy, 1973), com mais ou menos uma aflição universal (Zilboorg, 1938), ou como enraizada na constituição e na natureza do homem, sendo, então, uma companhia universal de alguém, em algum tempo, de alguma forma (Becker, 1974), não é de se esperar que, face aos grandes problemas humanos existenciais — tais como a solidão — o sexo faça diferença.

Em suma, parece claro que o sexo não se constitui fator determinante para o fenômeno da solidão, embora convenha serem considerados os limites de generalização inerentes a esta pesquisa.

Os resultados referentes à variável urbanização não suportaram a Hipótese inicialmente formulada de que quanto maior a taxa de urbanização da cidade residencial, maiores os escores de solidão apresentados pelos sujeitos, de vez que não foram encontradas diferenças significativas entre as amostras correspondentes às quatro cidades estudadas.

Algumas hipóteses explicativas ex post facto podem ser aventadas para esclarecer esses resultados. Antes de discuti-las, contudo, parece conveniente explorar outras variáveis que possam ter tido influência nos resultados obtidos, que discordam dos pressupostos teóricos discutidos no Capítulo Teórico.

Numa primeira etapa, considerou-se a variável cidade litorânea vs cidade não litorânea como possível fonte de variação nos níveis de solidão. Aliás, para a escolha das ci-

dades residenciais — todas localizadas na Região Nordeste Ocidental*; fez-se necessária a inclusão de duas cidades litorâneas (Fortaleza e São Luís) e duas não litorâneas (Teresina e Crato).

Considerou-se que isso pudesse se constituir em alguma influência nos resultados, de vez que o litoral apresenta, de um modo geral, aspectos peculiares no modo de viver de uma cidade, pelo acesso às praias nelas presentes — como um tipo de lazer acessível a todos e, conseqüentemente, um ponto de encontro para seus habitantes, o que representa ocasiões e oportunidades para manutenção de relacionamentos interpessoais.

Processou-se, então, Análise de Variância, tendo como níveis da variável independente litoral e não litoral, a fim de verificar essa possível influência. Uma vez mais, nenhuma diferença significativa foi verificada entre os dois grupos: cidades litorâneas (Fortaleza e São Luís) e não litorâneas (Crato e Teresina).

A fim de verificar se esses resultados encontrados faziam-se exclusivos da Região Nordeste, em conseqüência do modo de vida de suas cidades (cujo ritmo é mais calmo e pacato), resolveu-se, numa nova etapa, estudar cidades brasileiras, que se localizassem em outras Regiões geográficas: uma que apresentasse população de maior dimensão e ritmo de vida mais acelerado; outra que fosse planejada e de crescimento atípico, ao contrário das cidades inicialmente estudadas.

Assim, a cidade de São Paulo — localizada na Região Sul — foi escolhida, tendo em vista que, além de apresentar uma taxa de urbanização de 98,16%, é a cidade de maior população do País, ou seja, 8.493.598 habitantes, uma das maiores do mundo, e apresenta um ritmo de vida muito acelerado.

(*) Constituída dos Estados do Ceará, Piauí e Maranhão.

A inclusão de Brasília — situada na Região Centro-Oeste — foi feita por se tratar de uma cidade planejada e de crescimento atípico (Kohlsdorf, 1975; 1980). Há, outrossim, uma expectativa em torno de Brasília, de que seja uma cidade que favorece a solidão. Os dados sumários, quanto à urbanização, sobre as duas cidades, estão descritos na Tabela 8.

TABELA 8: Características de Urbanização das Cidades de São Paulo e Brasília.

Características Cidade	População (hab.)		Área (Km ²)	Densidade Demográfica (Hab/Km ²)	Taxa de Urbanização (%)
	Total	Urbana			
São Paulo	8.493.598	8.337.649	1.493	5.688,95	98,16
Brasília	1.177.393	1.139.480	5.771	204,02	96,78

FONTE: IBGE (1981c)

A constituição das amostras de Brasília e São Paulo obedeceu aos mesmos critérios utilizados quando da escolha da amostra da pesquisa (sujeitos de classe sócio-econômica média; que morassem há, pelo menos, um ano na cidade residencial; faixa etária compreendida entre 17 e 35 anos; integrantes de cursos universitários públicos oficiais).

Compuseram a amostra de São Paulo 68 estudantes universitários, sendo 30 do sexo masculino e 38 do sexo feminino. A amostra de Brasília foi composta de 100 sujeitos, sendo 50 homens e 50 mulheres. O procedimento de aplicação da Escala UCLA de Solidão foi idêntico ao utilizado na pesquisa, conforme descrito anteriormente.

A Análise de Variância 2 X 6 foi processada, sendo as variáveis independentes sexo e urbanização, esta última representada pelas cidades de São Luís, Crato, Teresina,

Fortaleza, Brasília e São Paulo. Não foi revelado qualquer efeito principal, a nível das duas variáveis independentes, nem efeito de interação. As médias e respectivos desvios padrões, por sexo e urbanização, estão contidos na Tabela 9.

TABELA 9: Média e Desvio Padrão de Solidão, por Sexo e Urbanização (N = 568)

Estatísticas	Urbanização						Sexo		Total
	São Luís	Crato	Teresina	Fortaleza	Brasília	São Paulo	Masc.	Fem.	
\bar{X}	38,52	36,62	38,81	37,10	38,64	39,10	38,40	37,76	38,08
DP	8,29	8,40	7,68	7,60	7,77	6,56	7,55	8,07	7,82

Assim, convém salientar que, mesmo ao se comparar cidades como Crato e São Paulo, cujas taxas de urbanização e tamanho de população diferem significativamente, não foi observada entre as médias de solidão de suas amostras qualquer diferença significativa.

Hipóteses explicativas podem ser formuladas, com o intuito de discutir todos esses resultados que rejeitaram a hipótese formulada sobre a relação entre urbanização e solidão.

A primeira, que surge como a mais importante, baseia-se nas características da vida universitária, da qual foi extraída a amostra da pesquisa.

A vida universitária conta com estruturas próprias, que facilitam o entrosamento entre seus estudantes. Tudo isso significa oportunidades de desenvolver uma vida social regular, de conviver em grupo e de manutenção freqüente de contatos mais íntimos.

Embora o sistema universitário adotado, no Brasil, tenha acabado na prática com as turmas únicas que faziam to do o curso juntos, o sistema foi adotado em todas as universidades pesquisadas, o que significa que seus efeitos atingiram os estudantes indistintamente e não apenas determinada universidade especificamente.

Mesmo assim, os estudantes, em sua maioria, comparecem, quase que diariamente, a determinado local e têm convivência estreita com determinadas pessoas — seus colegas e mesmo seus professores, além da possibilidade de virem a conhecer outras pessoas por intermédio desses e de poderem participar de atividades outras, a partir dessa convivência.

Em suma, a vida universitária dispõe de estruturas próprias que facilitam o entrosamento entre os estudantes, o que pode representar a explicação para a ausência de diferenças significativas verificada entre as médias das amostras correspondentes a cidades com diferentes taxas de urbanização, como também da constatação de que as médias obtidas pelos sujeitos situam-se abaixo da média esperada da Escala UCLA de Solidão.

Oportuno se faz lamentar, mais uma vez, a ausência de literatura empírica que aborde o problema da relação entre urbanização e solidão.

Isso se apresenta de modo ainda mais representativo agora, de vez que todo o material teórico consultado, devido à referida ausência, lançou hipóteses a partir apenas de observações e sem bases empíricas, que assegurassem a influência da urbanização sobre a solidão, obedecendo a uma correspondência positiva.

Tal crítica parece pertinente, na medida em que as considerações teóricas foram muito generalizadas quanto aos efeitos da urbanização sobre a solidão, sem que se detivessem em examinar determinados segmentos da sociedade que, mesmo com a possibilidade de sofrer os efeitos do processo de

urbanização, podem dispor de recursos próprios — como parece ser o caso da vida universitária, que venham a amenizar ou neutralizar os efeitos do referido processo, no que concerne à solidão.

Ademais, as análises teóricas sobre a temática urbanização e solidão parecem se constituir parciais, no sentido de que, ao lado dos efeitos negativos apontados pelos estudiosos, a urbanização pode conter igualmente benefícios e facilidades para a comunicação interpessoal. Exemplos disso podem ser citados, tais como o telefone, oportunidades como shows, espetáculos musicais e teatrais, técnicas modernas de comunicação, e podem representar um outro nível de comunicação. A cidade pode ter, assim, uma reflexão mais crítica sobre a comunicação, que venha a compensar as deficiências apontadas na literatura consultada sobre o assunto.

Toda esta discussão, é oportuno salientar, fica a exigir estudos empíricos outros, que venham fortalecer os resultados ora encontrados, a fim de que o problema da relação entre urbanização e solidão possa ser mais esclarecido. A presente pesquisa, por suas próprias limitações, apenas deu início à sua verificação empírica, restringindo-se, ainda, à população universitária de 04 (quatro) cidades nordestinas, depois comparadas a duas outras, São Paulo e Brasília.

CONCLUSÕES

A elaboração de uma dissertação de Curso de Mestrado representa, basicamente, um exercício metodológico e o início da exploração de determinado tema, sob bases rigorosamente científicas. Faz-se mister reconhecer a importância do aludido exercício e a sua influência para a continuação do trabalho apenas iniciado, durante seu desenvolvimento. Neste aspecto, a elaboração da dissertação teve seu objetivo alcançado, na medida em que os conhecimentos adquiridos, devidamente fixados, por certo servirão de base em atividades futuras. Isso não significa dizer que a formação científica está terminada. Ao contrário, acredita esta pesquisadora na contínua necessidade de aprimoramento e ininterrupta complementação profissional, que teve na elaboração desta dissertação apenas mais uma etapa cumprida.

O principal objetivo desta investigação parece ter sido alcançado, qual seja o de dar início à abordagem científica sobre solidão no Brasil.

Importante se faz ressaltar que a proposta foi iniciar e nunca esgotar problema de tal amplitude, como é a solidão. Muito ainda há para fazer, e fica aqui o estímulo, para a pesquisa de um problema que vem se tornando, dia após dia, presente na vida de mais seres humanos.

A adaptação e validação de um instrumento de medida de Solidão — a Escala UCLA de Solidão — por certo contribuirá na efetivação de pesquisas futuras. A falta e/ou inadequação de instrumentos de medida é um dos obstáculos largamente apontados pelos estudiosos para a pesquisa do fenômeno da solidão.

Sobre este aspecto da investigação, fica registrada a sugestão de que seja o referido instrumento igualmente

validado para outras populações brasileiras, além da universitária, amostra utilizada no presente trabalho.

Esta pesquisadora reputa como a mais fundamental importância o reconhecimento dos limites dos trabalhos elaborados, acima de tudo a bem da verdade científica, além de sua essencialidade em termos de contribuição para aqueles que venham a se utilizar dos resultados como orientação para elaboração de trabalhos de pesquisa futuros e/ou para o âmbito da Psicologia Aplicada. Uma das frequentes consequências de eventuais displicências neste sentido são as generalizações inoportunas, cujas repercussões são muitas vezes lamentáveis e até mesmo prejudiciais, no âmbito científico, e principalmente no humano.

Assim, convém lembrar que os resultados desta pesquisa, que não apontaram diferenças significativas entre sexo e solidão, urbanização e solidão, nem efeito de interação, restringem-se a uma amostra de estudantes universitários de ambos os sexos, residentes em 04 (quatro) cidades do Nordeste Ocidental, com faixa etária compreendida entre 17 e 35 anos, oriundos da classe sócio-econômica média e que residem há pelo menos um ano nas cidades estudadas. Posteriormente, estabeleceu-se comparação entre a amostra original da pesquisa e amostras das cidades de São Paulo e Brasília, mantidas as mesmas características da amostra original. Novamente, a ANOVA não apontou efeito principal a nível de qualquer das duas variáveis independentes, nem efeito de interação. As generalizações restringem-se, assim, a apenas esse limitado segmento da população brasileira.

Ademais, a até então absoluta ausência de literatura científica brasileira pertinente ao assunto faz com que este trabalho assumam particular relevância no trato do fenômeno da solidão, na medida em que poderá proporcionar elementos necessários à sua exploração com populações brasileiras. Pesquisas envolvendo outras populações, tais como estudantes secundários, idosos, operários, jovens, crianças, profissionais liberais, serão por demais adequadas na

exploração do fenômeno da solidão em si, ou na consideração de sua possível associação com variáveis, tais como o sexo e a urbanização, aqui investigadas, ou outras também igualmente importantes, tais como idade, estado civil, status sócio-econômico, condição de moradia, nível de escolaridade, para citar apenas algumas.

Uma sugestão que se insurge como de grande significado diz respeito a pesquisas que venham a explorar a relação entre urbanização e solidão, tendo por base a comparação de amostras de população rural e urbana. Isso, por certo, virá a exigir a adaptação da Escala UCLA de Solidão para as populações que tenham participação na pesquisa. Não obstante, a referida pesquisa fornecerá esclarecimentos substanciais para o problema da relação entre urbanização e solidão.

Serão também de grande valia as investigações empíricas que venham a explorar a possível associação existente entre urbanização e solidão, tomando por base amostras provenientes de outras regiões brasileiras, para a comparação das mesmas entre si ou entre cidades localizadas em determinada Região, afora o Nordeste.

Um outro campo de pesquisa que se apresenta como interessante é o de se estabelecer uma comparação do significado da solidão, em termos científicos, com o que lhe é atribuído através de músicas, romances e poesias populares, cuja quantidade pareceu suficientemente grande a esta pesquisadora para merecer análise mais acurada. Não será, evidentemente, por acaso que o assunto tem sido tão abordado, através dessas expressões artísticas, junto às quais também se incluem as artes plásticas, que têm retratado insistentemente a solidão. É um vasto campo para uma abordagem explorativa.

Por outro lado, a título de sugestão, esta autora cita o âmbito da Filosofia e da Religião como importantes para uma compreensão maior da solidão. A literatura científica disponível refere-se, algumas vezes, ao interesse que a

solidão desperta nesses dois campos de estudo, que, por certo, poderão vir a ser explorados em trabalhos futuros que abordem a solidão.

Estudos mais aprofundados poderão ser igualmente empreendidos, com vistas a explorar as causas do fenômeno da solidão. A abordagem sistemática de sua etiologia contribuirá substancialmente para uma maior compreensão da solidão.

Todo este conjunto de sugestões apresentadas parece representar um amplo campo de estudo da solidão, cuja continuação faz-se urgente, dada a importância do fenômeno no mundo atual, como foi exaustivamente discutido no início desta dissertação.

Há que florescer a investigação científica sobre a solidão em nosso País, cuja primeira semente é ora plantada com a adaptação e a validação para a população universitária brasileira da Escala UCLA de Solidão e a realização do presente estudo, em que se deu início à pesquisa empírica, no Brasil, do fenômeno da solidão, tema do mais alto significado para o ser humano e de comprovada relevância social.

A investigação científica é fundamental para que se encontrem elementos essenciais, a fim de que o fenômeno da solidão, explorado sob esse ângulo, seja esclarecido o suficiente, com vistas a se poder adotar medidas eficazes para sua prevenção, combate, emergência e/ou tratamento.

O primeiro passo acaba de ser dado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- D'Aboy, J. E. Loneliness: An investigation of terminology. **Dissertation Abstracts International**, 1973 (Jan), 33 (7-B), 3281.
- Abrahams, R. B. Mutual help for the widowed. **Social Work**, 1972, 17 (5), 54-61.
- Becker, E. The spectrum of loneliness. **Humanitas**, 1974, X (3), 237-46.
- Belcher, M. J. The measurement of loneliness: A validation study of the Belcher Extended Loneliness Scale (BELS). **Dissertation Abstracts International**, 1974 (Aug), 35 (2-B), 1035.
- Bernardes, S. **Cidade — A sobrevivência do poder**. Rio de Janeiro, Guavira Editores, 1975, 162 p.
- Biaggio, A. M. B.; Natalício, L. & Spielberger, C. D. Desenvolvimento da forma experimental em português do Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE) de Spielberger. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, 1977, 29, 31-44.
- Bradley, R. Measuring Loneliness. **Dissertation Abstracts International**, 1970 (Jan), 30 (7-B), 3382.
- Bragg, M.E. A comparative study of loneliness and depression. **Dissertation Abstracts International**, 1979 (Jun), 39 (12-B), 6109.
- Burton, A. On the nature of loneliness. **American Journal of Psychoanalysis**, 1961, 21 (31), 34-9.

- Castells, M. **La cuestion urbana**. Madrid, Siglo Veintiuno de España Editores S.A., 1974, 430 p.
- Chelune, G. J.; Sultan, F. E. & Williams, C. L. Loneliness, Self-disclosure, and interpersonal effectiveness. **Journal of Counseling Psychology**, 1980, 27 (5), 462-8.
- Ellison, C. W. Loneliness: A social-developmental analysis. **Journal of Psychology and Theology**, 1978, 6 (1), 3-17.
- Ellison, C. W. **Solidão — Uma doença psicológica**. Rio de Janeiro, Record, 1980.
- Fairchild, H. P. (ed.) **Dicionário de sociologia**. México, Fundo de Cultura Econômica, 1974.
- Francis, G. M. Loneliness: a study of hospitalized adults. **Dissertation Abstracts International**, 1973 (Jan), 33 (7-a), 3790-1.
- Freund, J. E. **Modern elementary statistics**. London, Prentice-Hall, 1974, 4a. ed.
- Fromm-Reichmann, F. Loneliness. **Psychiatry**, 1959, 22(1), 1-15.
- Garcia Villegas, P. La personalidad en las proximas decadas. **Revista de Psicologia General y Aplicada**, 1971, 26(110-111), 281-6.
- Gerson, A. C. & Perlman, D. Loneliness and expressive communication. **Journal of Abnormal Psychology**, 1979, 88 (3), 258-61.
- Gordon, S. **Lonely in America**. New York, Simon and Schuster, 1976, 318 p.
- Gould, J. & Kolb, W. L (ed). **A Dictionary of the Social Sciences**. Unesco, The Free Press, 1965.

- Hauser, P. M. Urbanização: Vista geral. In Hauser, P. M. & Schnore, L.F. (ed). **Estudos de Urbanização**. São Paulo, Pioneira, 1976, 1-47.
- Hendrix, M. J. Toward an operational definition of loneliness. **Dissertation Abstracts International**, 1972 (Oct), 33(4-B), 1974.
- Horowitz, L. M. & French, R. S. Interpersonal problems of people who describe themselves as lonely. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, 1979, 47(4), 762-4.
- IBGE. **Crescimento e distribuição da população brasileira: 1940-1980**. Rio de Janeiro, IBGE, 1981a.
- IBGE. **A população brasileira**. Conferência proferida pelo Professor Jessé Montello, Presidente da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a Estagiários e ao Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra, em 22 de setembro de 1981. Rio de Janeiro, IBGE, 1981b.
- IBGE. **Sinopse preliminar do censo demográfico: Brasil**. Rio de Janeiro, IBGE, 1981c.
- Jong-Gierveld, J. de. The construct of loneliness: Components and measurement. **Essence**, 1978, 2 (4), 221-37.
- Kivett, V. R. Discriminations of loneliness among the rural elderly: Implications for intervention. **Gerontologist**, 1979, 19 (1), 108-15.
- Knipscheer, C. P. Social integration: A problem for the elderly? **Nederlands Tijdschrift voor Gerontologie**, 1975, 6 (3), 138-48.
- Kohlsdorf, M. E. Gestalt urbana: Considerações sobre o Plano Piloto de Brasília. UnB-AVR, 1975 (Mimeografado).
- Kohlsdorf, M.E. Manual de Técnicas de apreensão do espaço urbano. UnB-AVR, 1980 (Mimeografado).

- Krebs, J. S. The infinite spaceship: A phenomenological analysis of the experience of loneliness. **Dissertation Abstracts International**, 1974 (Aug), **35** (2-B), 1052.
- Kubistant, T. M. A synthesis of the aloneness/loneliness phenomenon: A counseling perspective. **Dissertation Abstracts International**, 1977 (Oct), **38** (4-A), 1892-3.
- Lair, J. "Ain't I wonder ... and ain't you a wonder, too!" **Winning freedom through acceptance**. Garden City, Double day, 1977, 206 p.
- Landefeld, R. E. A study of the intrapsychic experience of loneliness in widowhood. **Dissertation Abstracts International**, 1977 (Jul), **38** (1-B), 334.
- Ledrut, R. **Sociologia Urbana**. Rio de Janeiro, Forense, 1971, 208 p.
- Levin, J. **Estatística aplicada a ciências humanas**. São Paulo, Harper & Row, 1978, 310 p.
- Lopata, H. Z. Loneliness: Forms and components. **Social Problems**, 1969, **17**(2), 248-61.
- Loucks, S. The dimensions of loneliness: A psychological study of affect, self-concept, and object-relations. **Dissertation Abstracts International**, 1974 (Dec), **35** (6-B), 3024.
- Loucks, S. Loneliness, affect and self-concept: Construct validity of the Bradley loneliness Scale. **Journal of Personality Assessment**, 1980, **44**(2), 142-7.
- Maisel, R. Report of the continuing audit of public attitudes and concerns. Harvard Medical School: Laboratory of Community Psychiatry, 1969 (mimeographed).
- May, R. **O Homem à Procura de Si Mesmo**. Petrópolis, Vozes, 1978, 6a. ed., 230 p.

- Mijuskovic, B. Types of loneliness. **Psychology**, 1977, 14 (3), 24-9.
- Mishara, T. T. A social self approach to loneliness among college students. **Dissertation Abstracts International**, 1975 (Sep), 36 (3-B), 1446.
- Moore, J. A. Loneliness: Personality, self-discrepancy, and demographic variables. **Dissertation Abstracts International**, 1973 (Nov), 34 (5-B), 2287.
- Moore, J. A. Relationship between loneliness and interpersonal relationships. **Canadian Counsellor**, 1974, 8(2), 84-9.
- Moore, J. A. Loneliness: Self-discrepancy and sociological variables. **Canadian Counsellor**, 1976, 10(3), 133-5.
- Moore, L. L. Divorce: A study of coping behaviors and the interrelatedness with religiosity, loneliness and well-being. **Dissertation Abstracts International**, 1980 (Aug), 41 (2-B), 736-7.
- Moustakas, C.E. **Loneliness**. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1961, 103 p.
- Moustakas, C.E. **Loneliness and love**. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1972, 146 p.
- Nevils Jr., R. S. A study of loneliness: Selected Interpersonal, historical, situational, and experimental aspects. **Dissertation Abstracts International**, 1978, (Dec), 39(6-B), 2997.
- Peplau, L. A., Russell, D., & Heim, M. Loneliness: A bibliography of research and theory. **Catalog of Selected Documents in Psychology**, 1978, 8, 38, MS, 1682.
- Perlman, D.; Gerson, A. C., & Spinner, B. Loneliness among senior citizens: An empirical report. **Essence**, 1978, 2(4), 239-48.

- Perlman, D., & Peplau, L. A. Toward a social psychology of loneliness. In R. Gilmour & S. Duck (eds.), **Personal relationships in disorders**. New York, Academy Press, in press.
- Pinheiro, A. de A. A. & Tamayo, A. Escala UCLA de solidão: Adaptação e validação. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, 1982 (no prelo).
- Pinto, L. A. Costa. **Estructura de Clases y Cambio Social**. Buenos Aires, Paidós, 1964.
- Pittman, W. M. The relative effectiveness of three group counseling approaches in reducing loneliness among college students. **Dissertation Abstracts International**, 1977 (Feb), 37(8-A), 4870.
- Portnoff, G. The experience of loneliness. **Dissertation Abstracts International**, 1976 (Jun), 36(12-B, pt.1), 6452.
- Rubenstein, C. M. A questionnaire study of adult loneliness in three U.S. cities. **Dissertation Abstracts International**, 1979 (Nov), 40(5-B), 2439.
- Russell, D.; Peplau, L. A. & Cutrona, C. E. The Revised UCLA loneliness Scale: Concurrent and discriminant validity evidence. **Journal of Personality and Social Psychology**, 1980, 39(3), 472-80.
- Russell, D.; Peplau, L. A. & Ferguson, M. L. Developing a measure of loneliness **Journal of Personality Assessment**, 1978, 42(3), 290-4.
- Sadler Jr., W. A. Dimensions in the problem of loneliness: A phenomenological approach in social psychology. **Journal of Phenomenological Psychology**, 1978, 9(1-2), 157-87.
- Schmidt, N. & Sermat, V. Measuring loneliness in different relationships. **Journal of Personality and Social Psychology**, 1983, 44(5), 1038-47.

- Sermat, V. & Smith, M. Content analysis of verbal communication in the development of a relationship: Conditions influencing self-disclosure. **Journal of Personality and Social Psychology**, 1973, 26, 332-46.
- Simmel, G. The metropolis and mental life. In: E. & M. Josephson (eds.) **Man alone: alienation in modern society**. New York, Dell, 1962.
- Singer, P. **Economia política da urbanização**. São Paulo, Brasiliense, 1975, 2a. ed.
- Solano, C. H. Two measures of loneliness: A comparison. **Psychological Reports**, 1980, 46, 23-8.
- Solano, C. H.; Batten, P. G. & Parish, E. A. Loneliness and patterns of self-disclosure. **Journal of Personality and Social Psychology**, 1982, 43(3), 524-31.
- Specht, F. Consequences of early relationship disturbances in adolescence. **Praxis der Psychotherapie**, 1976, 21(5), 197-205.
- Spielberger, C. D.; Gorsuch, R. L. & Lushene, R. E. **Manual for the state-trait anxiety inventory**. Palo Alto, Consulting Psychologist Press, 1970.
- Sullivan, H. S. **The interpersonal theory of psychiatry**. New York, Norton, 1953.
- Tanner, I. J. **Loneliness: The fear of love**. New York, Harper and Row, 1973. 143 p.
- Walden, P. A. A philosophical investigation of loneliness. **Dissertation Abstracts International**, 1973(Oct), 34(4-A), 1978.
- Weiss, R. S., ed. **Loneliness: The experience of emotional and social isolation**. Cambridge, MIT Press, 1973, 236 p.

- Williams, L. M. A concept of loneliness in the elderly. **Journal of the American Geriatrics Society**, 1978, 26(4), 183-7.
- Wirth, L. Urbanism as a way of life. **The American Journal of Sociology**, 1938, XLIV(1), 1-24.
- Wood, L. A. Loneliness and social structure. **Dissertation Abstracts International**, 1977 (Jun), 37(12-B), 6414.
- Wood, L. A. Loneliness, social identity and social structure. **Essence**, 1978, 2(4), 259-70.
- Woodward, H.; Gingles, R., & Woodward, J. C. Loneliness and the elderly as related to housing. **Gerontologist**, 1974, 14(4), 349-51.
- Zadrozny, J. T. **Dictionary of Social Science**. Washington, Publics Affairs Press, 1959.
- Zilboorg, G. Loneliness. **Atlantic Monthly**, 1938, 161, 45-54.

ANEXOS

- I - "THE REVISED UCLA LONELINESS SCALE"
- II - ITENS ORIGINAIS DA "REVISED UCLA LONELINESS SCALE" E RESPECTIVAS VERSÕES OBTIDAS NO PROCESSO DE TRADUÇÃO.
- III - INSTRUMENTOS UTILIZADOS PARA A VALIDAÇÃO DA "REVISED UCLA LONELINESS SCALE"
- IV - ESCALA UCLA DE SOLIDÃO
- V - DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS DA AMOSTRA

Anexo I: "The Revised UCLA Loneliness Scale"

Directions: Indicate how often you feel the way described in each of the following statements. Circle one number for each.

Statement	Never	Rarely	Some times	Often
1. I feel in tune with the people around me	1	2	3	4
2. I lack companionship	1	2	3	4
3. There is no one I can turn to	1	2	3	4
4. I do not feel alone	1	2	3	4
5. I feel part of a group of friends	1	2	3	4
6. I have a lot in common with the people around me	1	2	3	4
7. I am no longer close to anyone	1	2	3	4
8. My interests and ideas are not shared by those around me	1	2	3	4
9. I am an outgoing person	1	2	3	4
10. There are people I feel close to	1	2	3	4
11. I feel left out	1	2	3	4
12. My social relationships are superficial	1	2	3	4
13. No one really knows me well	1	2	3	4
14. I feel isolated from others	1	2	3	4
15. I can find companionship when I want it	1	2	3	4
16. There are people who really understand me	1	2	3	4
17. I am unhappy being so withdrawn	1	2	3	4
18. People are around me but not with me	1	2	3	4
19. There are people I can talk to	1	2	3	4
20. There are people I can turn to	1	2	3	4

FONTE: Russell, Peplau, e Cutrona (1980), p. 475.

Anexo II: Itens Originais da "Revised UCLA Loneliness Scale" e Respectivas Versões
Obtidas no Processo de Tradução.

I T E N S O R I G I N A I S	V E R S Õ E S O B T I D A S
<p>1. I feel in tune with the people around me.</p> <p>2. I lack companionship.</p> <p>3. There is no one I can turn to.</p> <p>4. I do not feel alone.</p> <p>5. I feel part of a group of friends.</p> <p>6. I have a lot in common with the people around me.</p> <p>7. I am no longer close to anyone.</p> <p>8. My interests and ideas are not shared by those around me.</p>	<p>1a. Eu me sinto em harmonia com as pessoas em volta de mim.</p> <p>1b. Tenho afinidade com as pessoas que me rodeiam.*</p> <p>2a. Sinto falta de companhia.</p> <p>2b. Eu careço de companhia.</p> <p>2c. Falta-me companhia.</p> <p>3a. Não existe ninguém a quem eu possa recorrer.</p> <p>4a. Eu não me sinto sozinho(a).</p> <p>5a. Eu me sinto parte de um grupo de amigos.</p> <p>6a. Tenho muito em comum com as pessoas que estão ao meu redor.</p> <p>6b. Tenho muitas coisas em comum com as pessoas que estão ao meu redor.</p> <p>7a. Eu não estou mais ligado(a) por muito tempo a ninguém.</p> <p>7b. Não me sinto mais ligado(a) intimamente a ninguém.</p> <p>8a. Meus interesses e idéias não são compartilhados por aqueles que me rodeiam.</p>

(*) Versões eliminadas pelo processo de retradução.

I T E N S O R I G I N A I S

V E R S Ō E S O B T I D A S

- | | |
|---|--|
| <p>9. I am an outgoing person.</p> <p>10. There are people I feel close to.</p> <p>11. I feel left out.</p> <p>12. My social relationships are superficial</p> <p>13. No one really knows me well.</p> <p>14. I feel isolated from others.</p> <p>15. I can find companionship when I want it.</p> <p>16. There are people who really understand me.</p> <p>17. I am unhappy being so withdrawn.</p> <p>18. People are around me but not with me.</p> <p>19. There are people I can talk to.</p> <p>20. There are people I can turn to.</p> | <p>9a. Eu sou uma pessoa expansiva.
9b. Eu sou uma pessoa sociável.
9c. Eu sou uma pessoa que busca contatos sociais.*</p> <p>10a. Existem pessoas às quais eu me sinto ligado(a).
10b. Existem pessoas das quais eu sinto próximo(a).</p> <p>11a. Eu me sinto deixado(a) de lado.
11b. Eu me sinto abandonado(a).*
11c. Eu me sinto ignorado(a).*</p> <p>12a. Minhas relações sociais são superficiais.
12b. Meus relacionamentos sociais são superficiais.</p> <p>13a. Nenhuma pessoa me conhece realmente bem.
13b. Ninguém realmente me conhece bem.</p> <p>14a. Eu me sinto isolado(a) dos outros.</p> <p>15a. Posso achar companhia quando quero.
15b. Posso conseguir companhia quando quero.</p> <p>16a. Existem pessoas que realmente me compreendem.
17a. Eu me sinto infeliz sendo tão retraído(a).</p> <p>18a. As pessoas estão em torno de mim mas não comigo.
18b. Estou sozinho no meio de tanta gente.</p> <p>19a. Existem pessoas com quem eu posso conversar.
19b. Existem pessoas com quem eu posso falar.</p> <p>20a. Existem pessoas a quem eu posso recorrer.
20b. Existem pessoas a quem eu posso procurar.</p> |
|---|--|

(*) Versões eliminadas pelo processo de retradução.

Anexo III: Instrumentos Utilizados para a Validação da
"Revised UCLA Loneliness Scale".

INSTRUÇÕES

O objetivo do presente questionário é estudar algumas percepções que as pessoas têm de si mesmas.

As afirmativas, contidas nas páginas seguintes, têm sido usadas para expressar como as pessoas se descrevem.

Estamos interessados em saber como você se sente em relação a cada uma delas.

Assim, leia as afirmativas com atenção e indique para cada uma delas a sua reação espontânea.

Para isso, você deverá atribuir a cada frase um valor, que vai de 1 a 4.

Quanto mais você concordar com a reação expressada pela frase, tanto maior será o número que você deve dar a essa frase.

Os números significam o seguinte:

1 = "Discordo totalmente"

2 = "Discordo"

3 = "Concordo"

4 = "Concordo totalmente"

Faça um círculo em torno do número que melhor expressar o que você sente. O exemplo a seguir esclarecerá o que você deve fazer:

Eu sou uma pessoa carinhosa. 1 ' 2 ' 3 ' 4

Isso significa que você concorda totalmente com o que foi expressado acima.

Responda a todas as perguntas, dando somente uma resposta para cada pergunta.

Não existem respostas certas ou erradas. Basta você responder sinceramente.

Suas respostas serão mantidas totalmente confidenciais.

PODE VIRAR A PÁGINA

- 1 = Discordo totalmente
- 2 = Discordo
- 3 = Concordo
- 4 = Concordo totalmente

- | | |
|--|---|
| 01. Meus relacionamentos sociais são superficiais .. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 02. Existem pessoas às quais eu me sinto ligado(a). | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 03. Eu sou uma pessoa sociável. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 04. Tenho muitas coisas em comum com as pessoas que estão ao meu redor. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 05. Falta-me companhia. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 06. Ninguém realmente me conhece bem. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 07. Posso achar companhia quando quero. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 08. Eu não me sinto sozinho(a). | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 09. Existem pessoas a quem eu posso procurar. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 10. Tenho muito em comum com as pessoas que estão ao meu redor. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 11. Eu sou uma pessoa expansiva. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 12. Eu careço de companhia. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 13. Não me sinto mais ligado(a) intimamente a ninguém. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 14. Eu me sinto isolado(a) dos outros. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 15. Eu me sinto em harmonia com as pessoas em volta de mim. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 16. Posso conseguir companhia quando quero. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 17. Existem pessoas a quem eu posso recorrer. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 18. Eu não estou mais ligado(a) por muito tempo a ninguém. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 19. Eu me sinto deixado(a) de lado. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 20. Minhas relações sociais são superficiais. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |

- 1 = Discordo totalmente
- 2 = Discordo
- 3 = Concordo
- 4 = Concordo totalmente

- | | |
|--|---|
| 21. Eu me sinto infeliz sendo tão retraído(a). | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 22. Nenhuma pessoa me conhece realmente bem. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 23. As pessoas estão em torno de mim mas não comigo. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 24. Existem pessoas com quem eu posso falar. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 25. Existem pessoas com quem eu posso conversar. .. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 26. Eu me sinto parte de um grupo de amigos. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 27. Existem pessoas das quais eu me sinto próximo(a). | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 28. Sinto falta de companhia. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 29. Não existe ninguém a quem eu possa recorrer. .. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 30. Estou sozinho(a) no meio de tanta gente. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 31. Meus interesses e idéias não são compartilhados por aqueles que me rodeiam. | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 32. Existem pessoas que realmente me compreendem. . | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |

INSTRUÇÕES: A seguir são dadas algumas afirmações que têm sido usadas para descrever sentimentos pessoais: Leia cada uma e faça um círculo em redor do número à direita que melhor indicar como você geralmente se sente. Não há respostas certas ou erradas. Não gaste muito tempo numa única afirmação, mas tente dar a resposta que mais se aproximar de como você se sente geralmente.

Quase sempre 4 Às vezes 2
 Frequentemente 3 Quase nunca 1

- | | |
|--|---|
| 01. Sinto-me bem | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 02. Canso-me facilmente | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 03. Tenho vontade de chorar | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 04. Gostaria de poder ser tão feliz quantos os outros parecem ser | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 05. Perco oportunidades porque não consigo tomar decisões rapidamente | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 06. Sinto-me descansado(a) | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 07. Sou calmo(a), ponderado(a), e senhor de mim mesmo | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 08. Sinto que as dificuldades estão se acumulando de tal forma que não as consigo resolver | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 09. Preocupo-me demais com coisas sem importância ... | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 10. Sou feliz | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 11. Deixo-me afetar muito pelas coisas | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 12. Não tenho muita confiança em mim mesmo(a) | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 13. Sinto-me seguro(a) | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 14. Evito ter que enfrentar crises ou problemas | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 15. Sinto-me deprimido(a) | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 16. Estou satisfeito(a) | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |
| 17. Às vezes, idéias sem importância me entram na cabeça e ficam-me preocupando | <u>1</u> ' <u>2</u> ' <u>3</u> ' <u>4</u> |

18. Levo os desapontamentos tão a sério que não consigo tirá-los da cabeça 1 ' 2 ' 3 ' 4
19. Sou uma pessoa estável 1 ' 2 ' 3 ' 4
20. Fico tenso(a) e perturbado(a) quando penso em meus problemas do momento 1 ' 2 ' 3 ' 4

Agora, responda também aos seguintes itens, marcando com um "X" a opção que mais corresponder aos seus reais sentimentos.

1. Eu me considero uma pessoa
 1. pouquíssimo solitária ()
 2. pouco solitária ()
 3. muito solitária ()
 4. muitíssimo solitária ()

2. Em comparação às pessoas em minha volta, eu me sinto
 1. muito menos solitário(a) ()
 2. menos solitário(a) ()
 3. mais solitário(a) ()
 4. muito mais solitário(a) ()

3. Durante as duas últimas semanas, tenho me sentido
 1. nada solitário(a) ()
 2. pouco solitário(a) ()
 3. muito solitário(a) ()
 4. extremamente solitário(a) ()

4. Durante a minha vida, tenho me sentido sozinho(a)
 1. nunca ()
 2. quase nunca ()
 3. algumas vezes ()
 4. sempre ()

5. Eu me considero uma pessoa
 1. muito solitária ()
 2. solitária ()
 3. nem um nem outro ()
 4. sociável ()
 5. muito sociável ()

FOLHAS DE DADOS

Por favor, preencha os seguintes itens:

1. Idade _____ anos
2. Sexo: 1. Masculino ()
2. Feminino ()
3. Local de Nascimento: _____
Cidade Estado
4. Estado Civil:
1. Solteiro () 3. Outros ()
2. Casado ()
5. Renda Familiar Mensal: Cr\$ _____
6. Tempo de Moradia nesta Cidade: _____ anos
7. Tipo de Moradia:
1. Casa ()
2. Apartamento ()
3. Residência
Universitária ()
8. Condições de Moradia:
1. Sozinho(a) ()
2. Acompanhado(a) ()
9. Universidade (ou Faculdade) na qual estuda: _____
10. Área de seu curso universitário: 1. Ciências ()
2. Humanidades ()
11. Tempo diário dispensado a assistir televisão:
1. nenhum ()
2. menos de 1 hora ()
3. de 1 a 3 horas ()
4. de 3 a 5 horas ()
5. mais de 5 horas ()

Anexo IV: Escala UCLA de Solidão

INSTRUÇÕES

O objetivo do presente questionário é estudar algumas percepções que as pessoas têm de si mesmas.

As afirmativas, contidas nas páginas seguintes, têm sido usadas para expressar como as pessoas se descrevem.

Estamos interessados em saber como você se sente em relação a cada uma delas.

Assim, leia as afirmativas com atenção e indique para cada uma delas a sua reação espontânea.

Para isso, você deverá atribuir a cada frase um valor, que vai de 1 a 4.

Quanto mais você concordar com a reação expressada pela frase, tanto maior será o número que você deve dar a essa frase.

Os números significam o seguinte:

1 = "Discordo totalmente"

2 = "Discordo"

3 = "Concordo"

4 = "Concordo totalmente"

Faça um círculo em torno do número que melhor expressar o que você sente. O exemplo a seguir esclarecerá o que você deve fazer:

Eu sou uma pessoa carinhosa. 1 ' 2 ' 3 (4)

Isso significa que você concorda totalmente com o que foi expressado acima.

Responda a todas as perguntas, dando somente uma resposta para cada pergunta.

Não existem respostas certas ou erradas. Basta você responder sinceramente.

Suas respostas serão mantidas totalmente confidenciais.

PODE VIRAR A PÁGINA

- 1 = Discordo totalmente
- 2 = Discordo
- 3 = Concordo
- 4 = Concordo totalmente

01. Eu sou uma pessoa sociável	<u>1</u> <u>2</u> <u>3</u> <u>4</u>
02. Falta-me companhia	<u>1</u> <u>2</u> <u>3</u> <u>4</u>
03. Ninguém realmente me conhece bem	<u>1</u> <u>2</u> <u>3</u> <u>4</u>
04. Eu não me sinto sozinho(a)	<u>1</u> <u>2</u> <u>3</u> <u>4</u>
05. Tenho muito em comum com as pessoas que estão ao meu redor	<u>1</u> <u>2</u> <u>3</u> <u>4</u>
06. Eu me sinto isolado(a) dos outros	<u>1</u> <u>2</u> <u>3</u> <u>4</u>
07. Eu me sinto em harmonia com as pessoas em volta de mim	<u>1</u> <u>2</u> <u>3</u> <u>4</u>
08. Posso conseguir companhia quando quero	<u>1</u> <u>2</u> <u>3</u> <u>4</u>
09. Existem pessoas a quem eu posso recorrer.....	<u>1</u> <u>2</u> <u>3</u> <u>4</u>
10. Eu não estou mais ligado(a) por muito tempo a ninguém	<u>1</u> <u>2</u> <u>3</u> <u>4</u>
11. Eu me sinto deixado(a) de lado	<u>1</u> <u>2</u> <u>3</u> <u>4</u>
12. Minhas relações sociais são superficiais	<u>1</u> <u>2</u> <u>3</u> <u>4</u>
13. Eu me sinto infeliz sendo tão retraído(a)	<u>1</u> <u>2</u> <u>3</u> <u>4</u>
14. Existem pessoas com quem eu posso conversar	<u>1</u> <u>2</u> <u>3</u> <u>4</u>
15. Eu me sinto parte de um grupo de amigos	<u>1</u> <u>2</u> <u>3</u> <u>4</u>
16. Existem pessoas das quais eu me sinto próximo(a).	<u>1</u> <u>2</u> <u>3</u> <u>4</u>
17. Não existe ninguém a quem eu possa recorrer	<u>1</u> <u>2</u> <u>3</u> <u>4</u>
18. Estou sozinho(a) no meio de tanta gente	<u>1</u> <u>2</u> <u>3</u> <u>4</u>
19. Meus interesses e idéias não são compartilhados por aqueles que me rodeiam	<u>1</u> <u>2</u> <u>3</u> <u>4</u>
20. Existem pessoas que realmente me compreendem	<u>1</u> <u>2</u> <u>3</u> <u>4</u>

Anexo V: Dados Sócio-Demográficos da Amostra

VARIÁVEIS	f	%
E NÍVEIS		
<u>IDADE(em anos)</u>		
17	8	2,0
18	27	6,8
19	43	10,8
20	38	9,5
21	43	10,8
22	47	11,8
23	41	10,3
24	28	7,0
25	28	7,0
26	17	4,3
27	16	4,0
28	16	4,0
29	7	1,8
30	10	2,5
31	12	3,0
32	7	1,8
33	7	1,8
34	1	0,3
35	4	1,0
TOTAL	400	100,0
<u>Idade média = 23,193 anos - DP = 4,07</u>		
<u>SEXO</u>		
Masculino	200	50,0
Feminino	200	50,0
TOTAL	400	100,00

(Continua)

VARIÁVEIS E NÍVEIS	f	%
<u>LOCAL DE NASCIMENTO</u>		
Ceará	179	44,8
Piauí	98	24,5
Maranhão	96	24,0
Outros	<u>27</u>	<u>6,7</u>
TOTAL	400	100,0
<u>ESTADO CIVIL</u>		
Solteiro(a)	298	74,5
Casado(a)	97	24,3
Outros	<u>5</u>	<u>1,3</u>
TOTAL	400	100,0
<u>CLASSE SÓCIO-ECONÔMICA</u>		
Média	400	100,00
<u>TEMPO DE RESIDÊNCIA</u>		
1 - 5 anos	87	21,8
6 ou mais anos	<u>313</u>	<u>78,3</u>
TOTAL	400	100,0
<u>TIPO DE MORADIA</u>		
Casa	358	89,5
Apartamento	30	7,5
Residência Universitária	6	1,5
Não responderam	<u>6</u>	<u>1,5</u>
TOTAL	400	100,0

(Continua)

<u>VARIÁVEIS</u>		
E	f	%
<u>NÍVEIS</u>		
<u>CONDIÇÕES DE MORADIA</u>		
Sozinho(a)	8	2,0
Acompanhado(a)	386	96,5
Não responderam	<u>6</u>	<u>1,5</u>
TOTAL	400	100,0
<u>CIDADE RESIDENCIAL</u>		
Fortaleza	100	25,0
Teresina	100	25,0
Crato	100	25,0
São Luís	<u>100</u>	<u>25,0</u>
TOTAL	400	100,0
<u>ÁREA DO CURSO UNIVERSITÁRIO</u>		
Ciências	187	46,8
Humanidades	211	52,8
Não responderam	<u>2</u>	<u>0,5</u>
TOTAL	400	100,0